

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Joana Guterres de Oliveira Rabusky

**ISSO AQUI É UM POUQUINHO DE BRASIL: a construção da imagem social  
do Brasil no período Olímpico por jornais internacionais.**

Porto Alegre

2017

Joana Guterres de Oliveira Rabusky

**ISSO AQUI É UM POUQUINHO DE BRASIL: a construção da imagem social  
do Brasil no período Olímpico por jornais internacionais.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em Relações  
Públicas da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rudimar Baldissera  
Co-orientação: Prof<sup>a</sup> Me. Isaura Mourão

Porto Alegre

2017



Joana Guterres de Oliveira Rabusky

**ISSO AQUI É UM POUQUINHO DE BRASIL: a construção da imagem social do Brasil no período Olímpico por jornais internacionais.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho - UFSM

---

Profª Dr. Monica Pieniz - UFRGS

---

Prof. Dr. Rudimar Baldissera – UFRGS (orientador)

## DEDICATÓRIA

*Àquela que colocava meu nome escrito à caneta no listão dos aprovados da  
UFRGS quando eu era criança;  
Àquela que me deu liberdade para eu ser eu quem sou e trilhar o caminho que  
me fizesse feliz;  
Àquela que, com o coração apertado, me deu asas e apoio incondicional;  
Àquela que é meu norte, minha guia, meu colo, minha protetora e que mostrou e  
segue mostrando o significado de amor incondicional;  
Para quem eu dedico este trabalho,  
E os últimos 5 anos de minha trajetória:  
Minha mãe.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFRGS, pelo ensino público, gratuito e de qualidade. A universidade pública me tirou por inteira da zona de conforto e me transformou e engrandeceu a minha visão de sociedade.

Agradeço ao Professor Rudimar Baldissera, pelos anos de convivência na graduação, compartilhando conhecimentos de maneira brilhante, enriquecedora, humilde e carinhosa. Dividir conhecimento é forma mais pura de desejar o crescimento do próximo. Muito obrigada.

À Professora Isaura Mourão, pela paciência, tempo e dedicação empregados comigo neste desafio final. Agradeço ao Professor Bruno Vinhola por todas as colocações precisas e esclarecedoras para a realização deste trabalho. Tenho certeza que será um professor brilhante em sala de aula também. Aos professores que tive na querida UFSM, em especial ao Professor Flavi Ferreira Lisboa Filho, por dividir este último momento da graduação comigo.

Às mulheres brilhantes do Marketing Renner que me ensinam e ajudam a ser uma profissional melhor, todos dias. Em particular à Elisa Cordova e a Luciane Franciscone, por serem profissionais exemplares, mas, principalmente, por toda compreensão e carinho comigo neste período de estudos. À vocês, a minha total admiração pessoal e profissional.

À Tamires, minha amiga de alma, por ser quem és. À Julia, por me mostrar o melhor de mim todos os dias.

À Andressa, Carolina, Claudia, Grazi, Ketlyn, Marília, Tati, Thuani e Rafael. Agradeço por este encontro em vida e por me ajudarem a ser uma pessoa melhor.

Ao Gustavo, pelo imenso amor, parceria e compreensão que tens comigo. Obrigada por dividirmos esta jornada. Esta é a primeira das grandes conquistas que teremos juntos.

Às grandes mulheres que tenho a honra de ter na família: Cristiana, Tereza, Loreni e Maria Eni, que me mostram desde cedo, o quão forte podemos ser, em especial nestes últimos meses. Sou privilegiada por estar numa família de mulheres donas de suas vidas.

À minha mãe e a meu pai, os grandes responsáveis por tudo isso. Palavras não são suficientes para agradecer tudo que são para mim. Agradeço pelos caminhos abertos, por me darem suporte para caminhar sozinha, por serem quem são comigo e como são entre vocês, pelo exemplo, por todo amor incondicional: eu amo vocês com todo meu coração.

## RESUMO

Este trabalho tem como tema a construção da realidade social do Brasil por grandes jornais internacionais. Nesse sentido, o presente estudo monográfico tem como principal objetivo verificar se houve alterações sobre como a realidade social brasileira foi retratada por três jornais internacionais nos períodos pré e pós Jogos Olímpicos.

Para isso, aciona os conceitos de acontecimento (FRANÇA, 2012), megaevento (STRANGIO, 2016), construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1996) e imagem-conceito (BALDISSERA). A metodologia usada para o estudo é a análise de conteúdo com base em Bardin (1997). Como material empírico, serão analisadas as notícias e reportagens veiculadas pelos jornais The Guardian, The New York Times e El País, em dois períodos: 6 meses antes da abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e um mês após seu encerramento. O estudo indica que o megaevento Olimpíadas Rio 2016, no âmbito das notícias e reportagens dos jornais estudados, apenas impactou parcialmente a imagem-conceito do Brasil.

**Palavras-chave:** Jornalismo internacional; Jogos Olímpicos Rio 2016; imagem-conceito, realidade social; megaevento

## ABSTRACT

This paper has as its theme the construction of Brazil's social reality by major international newspapers. Therefore, the present monographic study has as main objective to verify if there were alterations on how the Brazilian social reality was portrayed by three international newspapers in the periods before and after Olympic Games.

For this, it activates the concepts of occurrence (FRANÇA, 2012), mega-event (STRANGIO, 2016), social construction of reality (BERGER; LUCKMANN, 1996) and concept image (BALDISSERA). The methodology used for the study is content analysis based on Bardin (1997). As empirical material, the news and reports published by The Guardian, The New York Times and El País will be analyzed in two periods: 6 months before the opening of the Rio 2016 Olympic Games and one month after its closure. The study indicates that the mega-event Rio 2016 Olympics, within the scope of the news and reports of the newspapers studied, only partially impacted the concept image of Brazil.

**Keywords:** International journalism; Olympic Games Rio 2016; concept image, social reality; mega event



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Muro que dividiu a favela do Complexo da Maré.....	55
---	----

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	16
2.	ACONTECIMENTO, VISIBILIDADE E MÍDIA.....	22
2.1	Megaevento.....	25
2.2	O acontecimento na mídia .....	28
3.	CONSTRUÇÃO DE SENTIDO E IMAGEM.....	34
3.1	Construindo sentidos a partir de representações do cotidiano.....	34
3.1.1	<i>O jornalismo como construtor de sentido</i> .....	42
3.2	Imagem .....	45
4.	ANÁLISE .....	48
4.1	Referencial Metodológico Norteador .....	48
4.2	Análise do Objeto .....	53
4.2.1	<i>Antes da Rio 2016</i> .....	56
4.2.1.1	Categoria Desigualdade Social .....	55
4.2.1.2	Categoria Economia.....	59
4.2.1.3	Categoria Legado Olímpico.....	60
4.2.1.4	Categoria Saúde Pública .....	65
4.2.1.5	Categoria Crise Política .....	65
4.2.1.3	Categoria Violência e Segurança.....	67
4.2.2	<i>Depois da Rio 2016</i> .....	70
4.2.2.1	Categoria Desigualdade Social .....	70
4.2.2.2	Categoria Economia.....	71
4.2.2.3	Categoria Legado Olímpico.....	72
4.2.2.4	Categoria Saúde Pública .....	74
4.2.2.5	Categoria Crise Política .....	74
4.2.2.6	Categoria Povo Acolhedor.....	76
4.2.2.7	Categoria Legado Olímpico.....	74
4.2.3	<i>Antes X Depois</i> .....	80
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	83
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	86
7.	APÊNDICE .....	92



## 1. INTRODUÇÃO

Ao sediar grandes eventos esportivos internacionais, um país se coloca na vitrine do mundo e ganha mais visibilidade em função de sua exposição por meio da mídia internacional. Este foi o caso do Brasil, ao sediar, sucessivamente, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, num curto espaço de tempo entre os dois eventos; 2014 e 2016, respectivamente. Mas que Brasil social é retratado pela mídia internacional sob a perspectiva jornalística? Nessas ocasiões, o país que recebe eventos desse porte geralmente passa por mudanças específicas, até estruturais, a fim de sediá-los. Nesta pesquisa, nos deteremos aos Jogos Olímpicos, realizados na cidade do Rio de Janeiro, em 2016, e à imagem retratada por jornais internacionais acerca da realidade social brasileira, antes e depois do acontecimento.

Devemos ressaltar que o início dos trabalhos, sete anos antes, já sinalizava a mobilização em torno do evento. Assim, podemos dizer que os preparativos para esse acontecimento começaram com a escolha oficial da sede dos Jogos Olímpicos, em 2009, quando a cidade do Rio concorreu com as cidades de Madri (Espanha), Chicago (USA) e Tóquio (Japão). A escolha do Rio de Janeiro configurou o Brasil como o primeiro país da América Latina a receber uma edição do evento. Desde então, a cidade começou a se planejar para os Jogos Olímpicos, adaptando sua estrutura física para receber atletas e visitantes, e preparando a sociedade e a mídia para a realização do megaevento.

Alguns dados acerca dos Jogos Olímpicos Rio 2016 merecem destaque: a Olimpíada Rio 2016 ocorreu entre os dias 5 e 21 de agosto, quando a cidade recebeu 11.238 atletas oriundos de 207 países diferentes para participar de 306 eventos esportivos<sup>1</sup>. Além deles, mais 1,17 milhão de visitantes ao total, dentre eles, 410 mil estrangeiros, vindos principalmente dos Estados Unidos, da Argentina e da Alemanha<sup>2</sup> (a título de comparação, a edição anterior das Olimpíadas, em Londres, somou 100 mil visitantes estrangeiros<sup>3</sup>). A procedência dos brasileiros que mais participaram do megaevento, em ordem decrescente, é de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Cabe ressaltar, desde aqui, que o “acontecimento” (FRANÇA, 2012) Jogos Olímpicos se

---

<sup>1</sup> Fonte: [www.olympic.org/rio-2016](http://www.olympic.org/rio-2016)

<sup>2</sup> Fonte: [www.brasil2016.org.br](http://www.brasil2016.org.br)

<sup>3</sup> Fonte: [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)

caracterizara pelo amplo destaque na mídia (cobertura nacional e internacional) e pelo poder de afetar diferentes grupos de pessoas e até a sociedade.

Para a realização de um evento desse porte, há também a demanda por investimentos em diversas áreas, desde infraestrutura da cidade-sede, passando por construção das arenas esportivas, até investimentos em *marketing* e estruturas para receber veículos midiáticos. De acordo com o site do projeto Jogos Limpos, do Instituto Ethos, os Jogos Olímpicos Rio 2016 custaram 38,26 bilhões de reais – deste montante, 57% advindos de Parcerias Público-Privadas<sup>4</sup>. Os investimentos foram separados em três pilares e divididos entre Governos Municipal, Estadual e Federal. O primeiro pilar foi a “Matriz de Responsabilidade Olímpica”, com custo estimado de R\$ 6.669,8 bilhões, destinado a 47 projetos relacionados a equipamentos esportivos. O “Plano de Políticas Públicas”, popularmente chamado de “Legado”, diz respeito aos investimentos em mobilidade urbana, saneamento e segurança, com investimentos de R\$ 24.588,8 bilhões, e englobou 27 projetos. O Orçamento do Comitê Organizador local é o terceiro pilar e custeou a alimentação dos atletas, o pagamento de recursos humanos e os investimentos em *marketing*, somando cerca de R\$ 7 bilhões<sup>5</sup>. Novamente, em perspectiva de comparação, Londres 2012 gastou 16 bilhões de libras, algo em torno de 30,3 bilhões de reais<sup>6</sup>.

Os cerca de 24 bilhões de reais investidos no “Plano de Políticas Públicas” foram empregados em estrutura física, alterando alguns pontos da cidade do Rio de Janeiro para que pudesse receber atletas, visitantes e a mídia, de forma a também garantir a produção imagem-conceito positiva, não apenas para a própria cidade, mas também para o País. Dentre as obras estruturais realizadas no Rio de Janeiro, as principais, conforme o Jornal Estado de São Paulo, foram: o Complexo de Deodoro (que contém os Centro de Tiro, Centro de Hipismo, Centro de Hóquei sobre Grama, Estádio de Deodoro, Arena da Juventude, Pista de BMX, Circuito de Canoagem Slalom e a Pista de Mountain Bike); o Maracanã (reformas no Engenhão – estádio e entorno – e no sambódromo); em

---

<sup>4</sup> A Parceria Público-Privada (PPP) é um contrato de prestação de obras ou serviços não inferior a R\$ 20 milhões, com duração mínima de cinco e no máximo 35 anos, firmado entre empresa privada e o governo federal, estadual ou municipal. Difere ainda da lei de concessão comum pela forma de remuneração do parceiro privado. Disponível em: <[www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2012/04/parceria-publico-privada-ppp](http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2012/04/parceria-publico-privada-ppp)> Acesso em 07 ago. 2016

<sup>5</sup> Todas as informações sobre dinheiro investido para os Jogos Olímpicos podem encontradas no site dos Jogos Limpos, disponível em: <<http://www.jogoslimpos.org.br>> – aceso em 07 set. 2017.

<sup>6</sup> De acordo com reportagem veiculada no site UOL, disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/03/09/ingleses-se-assustam-porque-custo-das-olimpiadas-chega-a-16-bilhoes-de-euros.htm>> acesso em 07 set. 2017

Copacabana (na Marina da Glória, para competições na Lagoa Rodrigo de Freitas e entorno); a construção do Parque Olímpico da Barra da Tijuca (com nove arenas: Centro de Tênis, Estádio Aquático, Velódromo, Arenas Carioca 1, 2 e 3, Arena do Futuro, Arena Rio e o Parque Maria Lenk), todas obras para serem usadas, de alguma forma, após a realização dos Jogos. Em relação ao legado da mobilidade urbana, as principais obras realizadas foram o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos, com 28 km de extensão e capacidade para atender 300 mil passageiros/dia) e duas linhas de BRT (Transolímpica e Transoeste – a primeira com capacidade para transportar 70 mil passageiros/dia e a segunda linha com 58 km de extensão e capacidade para 120 mil passageiros/dia.)<sup>7</sup>.

No período em que ocorreram os Jogos Olímpicos, o Rio de Janeiro e o Brasil tornaram-se o centro das atenções da mídia mundial e para receber tantos profissionais, além das estruturas já mencionadas, foram construídos dois centros para a imprensa: o Centro Principal de Mídia e o Centro Internacional de Transmissão. Os números que tratam das pessoas mobilizadas para trabalhar com a imprensa nos Jogos Rio 2016 e dos veículos de mídia cadastrados, são elevados: foram 5.000 jornalistas credenciados e 95 empresas que detiveram a transmissão oficial, resultando numa audiência estimada em 5 bilhões de pessoas que assistiram às competições. Os países com o maior número de jornalistas cadastrados foram, em ordem decrescente: Brasil, Estados Unidos, Alemanha, Japão e China<sup>8</sup>. Por fim, os principais jornais presentes para a cobertura do megaevento (jogos e o Brasil), conferindo visibilidade ao acontecimento, de acordo com o G1<sup>9</sup>, foram o *Washington Post*, o *The New York Times*, o *Wall Street Journal* e o *Financial Times* (Estados Unidos), o *The Guardian* (Reino Unido) e o *El País* (Espanha).

Feita essa introdução, importa dizer que o presente estudo busca compreender a relação entre o acontecimento “Rio 2016” e a imagem-conceito do Brasil que jornais internacionais ofereceram a seus leitores, sobretudo acerca da realidade social do País. Por sua importância, uma edição de Jogos Olímpicos coloca o país-sede nas pautas de grandes veículos internacionais, e, por princípio, essa cobertura tem, em todo o mundo, potencial para influenciar a formação da imagem-conceito do país e da cidade que o sedia.

---

<sup>7</sup>Fonte: <http://infograficos.estadao.com.br/esportes/olimpiadas-2016-obras/#mobilidade> acesso em 07/09/2017.

<sup>8</sup>Fonte: <https://m.tecmundo.com.br/olimpiadas/106713-rio-2016-receber-imprensa-o-mundo-olimpiadas.htm> publicado em: 29/06/2016 acesso em: 07/09/2017.

<sup>9</sup> G1.com: Site de Notícias do Grupo Globo, maior grupo de comunicação e mídia do Brasil e 14º maior grupo de mídia do mundo.

Nessa perspectiva, o presente estudo se propõe a identificar quais são os temas acerca da realidade social brasileira, pautados por jornais internacionais, antes e depois do acontecimento. Consideramos que essa análise pode nos levar a compreender se a realização dos Jogos Olímpicos foi capaz de provocar mudanças em relação à percepção da mídia internacional acerca da realidade social do Rio de Janeiro e do Brasil. Assim, a questão que norteia este estudo é: **como a realidade social brasileira foi retratada por jornais internacionais nos períodos pré e pós Jogos Olímpicos?** Destacamos que os jornais a serem analisados são: o *The New York Times*, o *The Guardian* e o *El País*.

Considerando esse questionamento, o presente estudo tem por objetivo geral verificar se houve alterações sobre como a realidade social brasileira foi retratada por três jornais internacionais nos períodos pré e pós Jogos Olímpicos. Os objetivos específicos são: identificar os sentidos acionados acerca da realidade social do Brasil, pelos referidos jornais, antes e depois das Olimpíadas Rio 2016; comparar a imagem-conceito que os jornais oferecem sobre a realidade social brasileira antes e depois das Olimpíadas Rio 2016; verificar aspectos da realidade social brasileira que foram representados de modo diferente antes e depois do megaevento. Para atingir esses objetivos, a metodologia empregada será a análise de conteúdo, a partir de Bardin (1977).

A motivação pessoal para o início deste estudo monográfico partiu de dois princípios: a crença de que nosso país era muito mais do que era retratado nos veículos de comunicação de todo o mundo, em especial após a execução bem-sucedida do maior evento esportivo do mundo. O Brasil, que há época passava por uma série de problemas políticos, sociais e culturais, recebera um megaevento com sucesso e isso precisa ter o peso devido nos veículos de comunicação, assim como teve na sociedade. Além disso, a segunda motivação se dá em virtude de que acredito fielmente na capacidade transformadora do esporte, em particular, num país tão desigual quanto o nosso. O esporte é conhecido por mobilizar e emocionar centenas de milhares de pessoas, e a curiosidade de saber o impacto destas atitudes no nosso país foi a força motriz para este estudo monográfico.

Antes de apresentar a estrutura desta monografia, importa destacar que, de acordo com Bourdieu (1998, p. 152), os Jogos Olímpicos enquadram-se na categoria de esporte-espetáculo, passível de alterar as relações de poder no campo em que atua, sendo determinado por processos econômicos e controlado por camadas privilegiadas, que podem “transformar o capital social obtido na administração esportiva em poder político”. Nesse sentido, estudo realizado por FENSTERSEIFER; VANC (2014), revela que três

anos antes dos Jogos Olímpicos do Rio, em 2013, o país era retratado como uma das nações mais violentas do mundo. Conforme as autoras, às vésperas de receber a Copa do Mundo (o primeiro dos dois grandes acontecimentos esportivos que se sucederiam entre 2014 e 2016 no Brasil), 59% das matérias, artigos e reportagens veiculadas no jornal *The New York Times*, acerca do Brasil, abordavam questões relacionadas à política, governo, instabilidade social, crime, violência e economia. Os casos de corrupção também foram destaque no jornal, que a colocou como um “mal sistêmico” do País. Os grandes protestos de 2013 também ganharam as páginas do jornal e foram usados, sobretudo, como argumento para que o jornal questionasse a escolha do Brasil como a sede de dois megaeventos esportivos, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, que ocorreriam em curto espaço de tempo.

Apesar desse tipo de questionamento, a Rio 2016 configurou-se como um acontecimento de alto impacto - esportivo e social - para o Rio de Janeiro, tornando a cidade-sede objeto central desse acontecimento e posicionando o Brasil na vitrine do mundo. Nesse sentido, ambos ganharam a chance “única para reposicionar o país e a cidade na concorrência internacional de atração de negócios” (GONÇALVES, 2014, p. 34). Pode-se dizer ainda, segundo Gonçalves (2014), que eventos desse porte contribuem para o desenvolvimento da cidade e proporcionam a abertura de muitas outras portas, pois a cidade-sede encontra-se no centro de todas as atenções. A autora também afirma que os habitantes das cidades-sede de grandes acontecimentos como a “Rio 2016”, geralmente são “meros figurantes” envolvidos em um contexto maior que eles próprios. Nesse sentido, dentre outras coisas, pode-se dizer que os Jogos Olímpicos afetaram diretamente centenas de famílias de baixa renda que foram retiradas de suas casas para darem lugar às obras dos complexos e parques esportivos<sup>10</sup>.

Destacamos que este estudo tem sua relevância em perspectiva de que a área de Relações Públicas tem como um de seus focos agir para a construção e qualificação da imagem-conceito de marcas de organizações (públicas, privadas e/ou não-governamentais), personalidades e, mesmo, de países.

Por fim, esta monografia está estruturada em quatro capítulos. Após este capítulo introdutório, o segundo capítulo apresentará a teoria do acontecimento, a partir de autores como Quéré (1995), França (2012), França R. (2015) e Simões (2007); megaevento, Strangio (2016) e seus desdobramentos midiáticos a partir de França V (2012). Na

---

<sup>10</sup>Fonte: <http://exame.abril.com.br/brasil/obras-das-olimpiadas-podem-tirar-ate-100-mil-de-suas-casas/>



sequência, o terceiro capítulo versará sobre construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1996), construções simbólicas (BOURDIEU, 2005), questões de institucionalização (CARNIELLI, 2016) e, ainda, sobre imagem pública (GOMES, 1999) e imagem-conceito (BALDISSERA, 2006; 2008). O quarto capítulo é dedicado à análise do objeto empírico. A análise compreende 3 momentos: análises do período pré-Olímpico, seguido das análises do período pós Olímpico e comparação dos resultados das análises. Para finalizar, temos as considerações finais.

## 2. ACONTECIMENTO, VISIBILIDADE E MÍDIA

O termo acontecimento é utilizado cotidianamente para referir-se tanto a casos pessoais como para justificar grandes fatos que ocorrem no mundo, no entanto seu conceito requer problematização especial. Vera França (2012, p. 12) explica que acontecimentos são “os fatos e as ocorrências que se destacam ou merecem maior destaque”, em função do peso e do poder esses possuem de afetar a sociedade onde ocorrem, posto que “um acontecimento, acontece a *alguém*, ele não é independente, nem autoexplicativo”. (FRANÇA, V. 2012, p.13). Isto é, ele (o acontecimento) não tem destaque somente por si só, tampouco por suas características singulares. O que o torna de fato acontecimento é seu poder de afetar um sujeito, uma população, ou uma sociedade.

Os acontecimentos se constituem a partir de três grandes “grupos”. O primeiro, relacionado ao processo de individualização. Simões (2011), a partir de Quéré (1995) explica que esse processo de individualização é parte de um processo anterior, de determinação, onde o acontecimento ganha um caráter particular, que o diferencia dos demais. Além disso, segundo a autora, esse processo tem um caminho interpretativo, composto por três aspectos primordiais: “1) a escolha de uma descrição (a partir de uma categorização no anúncio do acontecimento); 2) a narrativização (através de um encadeamento de ações na construção da intriga); 3) a normalização (a redução da indeterminação do acontecimento, manifestando seu caráter típico” (SIMÕES, 2011, p.132).

Para compreender como um acontecimento é individualizado, devemos analisar quatro elementos: descrição, narração, constituição de um contexto de fundo e, por fim, a recepção do acontecimento. Sendo assim, conforme Simões (2011), o elemento “descrição” permite dizer o que ocorre em um contexto específico, e há a possibilidade de o distinguir dos demais, à medida que vai colocando o acontecimento em certos quadros da experiência. O segundo elemento diz respeito à narração, ou seja, coloca o acontecimento em uma linha de tempo, delimitando seu passado e futuro, para que seja possível compreender quais são seus agentes e ações que o configuram como acontecimento. No terceiro elemento, encontra-se um universo de significados que orientam as ações relacionadas a tomada de decisão dos sujeitos envolvidos na situação/acontecimento. Já o quarto elemento, a autora, constitui-se como a recepção do acontecimento no quadro da experiência, em que os públicos se configuram em relação ao acontecimento. (SIMÕES, 2011).

O quarto elemento que Simões descreve para que possamos individualizar um acontecimento, abre o caminho para o segundo “grande grupo” que nos ajuda a constituir um acontecimento, que é formado pela experiência, a partir da qual os sujeitos individualizados o descrevem e o narram conforme suas próprias vivências anteriores, transformando o acontecimento em novas narrativas, no caso deste estudo, midiáticas. Isso vai ao encontro do que propõe França (2012, p.13), ao falar que os acontecimentos “se inserem em nossa experiência [...], no âmbito de nossa vivência”, ou seja: precisam estar inseridos na nossa vivência para nos afetarem, do contrário, não somos tocados pelo fato, embora saibamos que ele exista.<sup>11</sup> Assim, pode-se afirmar, com base no exposto acima, que as reportagens jornalísticas acerca da realidade social brasileira, a partir da Rio 2016, podem ter sido apreendidas pelas experiências individualizadas de cada cidadão brasileiro que pertenceu ao acontecimento.

O terceiro “grande grupo” para a constituição de um acontecimento está relacionado ao seu tempo de duração. A duração temporal que afeta um indivíduo é totalmente proporcional ao intervalo de tempo que o próprio acontecimento possui, segundo Simões (2011). Fica estabelecida, portanto, uma relação de causa e efeito, ou seja, o acontecimento perdura o tempo necessário para que ocorra a “atualização do seu potencial de criação de intrigas, de revelação de possíveis ou de modificação de situações, assim como de afetação [...] daqueles a quem ele acontece”. (Queré, 1995, *apud* SIMÕES, 2011, p.131)

Se indivíduo e acontecimento estão ligados temporalmente, os acontecimentos têm o poder de convocar passado e futuro (SIMÕES, 2011). Assim sendo, acontecimentos fornecem sentidos às diferentes temporalidades, além da capacidade de reconstruir o passado e projetar novos futuros. Nesse sentido, os acontecimentos têm poder para criar uma ruptura e gerar interrogações e, por isso, rompem com a rotina e a normalidade, separando uma sequência de fatos que desorganiza nosso presente, sem aviso prévio e gerando um questionamento acerca do que virá pela frente - bem como é capaz de gerar sentidos (FRANÇA, 2012). Além disso, essa mistura de passado e presente, despertada pelo acontecimento, faz com que ele se torne um “leque do possível”, mostrando possibilidades que ainda não haviam sido pensadas. (FRANÇA, 2012).

Ainda nesse sentido de criação de passado e futuro e rompimento de rotina, França (2012) explica que o passado referido é relativo e exclusivo ao acontecimento. Quando

---

<sup>11</sup> Esta relação, por sua importância, será abordada de maneira mais aprofundada quando falarmos do acontecimento enquanto experiência retratada pela mídia, mais adiante nesta monografia.

ocorre no presente, o acontecimento define o que o fez possível e cria um passado em função do novo sentido que surgiu na ocasião. Sendo assim, “o acontecimento possui um poder de esclarecimento, permite descobrir o campo do qual ele faz parte e identificar a situação em que ele se insere” (FRANÇA, 2015, p. 84), não sendo unicamente da ordem da contemplação, isto é, ele tem capacidade para mudar alguma coisa numa temporalidade imediata à nossa. Apesar de nem todos serem inesperados (os Jogos Olímpicos são planejados a muitas mãos e durante muitos anos), todos fazem surgir algo novo, rompendo com a seriação da conduta ou no decorrer das coisas – e tudo isso atrelado ao período temporal em que ele está inserido.

Nessa perspectiva, um acontecimento possui certa autonomia ao criar uma circunstância propícia para seu entendimento, além de conter “um caráter revelador ao alterar tanto as possibilidades de leitura do passado (daquilo que causou) como do futuro (à medida que inaugura campos de possíveis concebíveis)”. (SIMÕES, 2007, p. 119).

Diante do exposto, o acontecimento passa a ter significado próprio e produz uma modificação no estado atual da sociedade. França (201), identifica que o acontecimento precisa se manifestar fisicamente, fazendo com que o seja percebido pelos demais - do contrário, é apenas um acontecimento bruto. Assim que ele é percebido, se faz necessário a existência de um discurso, que concederá sentido e irá integrá-lo ao mundo de inteligibilidade social.

O acontecimento deve, necessariamente, se manifestar fisicamente, além de depender de alguém para existir, queremos dizer que o indivíduo que suporta o acontecimento está envolto em seu contexto. Nesse sentido, o acontecimento “Jogos Olímpicos Rio 2016” mexeu com a rotina da população brasileira, em especial com os cidadãos da cidade-sede, Rio de Janeiro, afetando sua realidade social, o que foi retratado por alguns dos correspondentes internacionais que vieram ao Brasil para o evento. O acontecimento é, portanto, da ordem da experiência e é o resultado da interação entre o indivíduo e algum aspecto do mundo onde ele está inserido (Dewey, apud SIMÕES, 2011, p.131).

Nesse contexto, cabe dizer que os Jogos Olímpicos Rio 2016, enquanto acontecimento, impactaram na realidade social brasileira, além de mudar a rotina dos espectadores em função dos jogos – seja participando ou assistindo. De acordo com os autores Freitas, Lins e Santos (2014), o impacto dos acontecimentos explode também fora das arenas de competição, pois modificam a estrutura física das cidades e da sociedade que vive o acontecimento, conseguindo transformá-lo numa espécie de motor de

transformação social: são as interferências no cotidiano das cidades, tais como as mudanças de trânsito e horários de transporte, a dependência do grande suporte legal e material que advém do poder público e, sobretudo, o que mais interessa neste estudo, a forte repercussão da mídia acerca do acontecimento.

### 2.1 2.1.1 Megaevento

Para que possamos ter uma visão sistêmica de como um acontecimento transcorre para ser classificado como um megaevento, apresentaremos alguns conceitos sobre o tema. Cotidianamente traduzido em encontros de diferentes pessoas e tribos – sejam religiosas, esportivas, culturais - megaeventos são, de acordo com Strangio (2016) junções de pessoas que ocorrem em um definido espaço de tempo, marcado por intervalos pré-determinados (seja curto ou longo este espaço de tempo) e, do ponto de vista de seu tamanho, são marcados por atrair (em síntese) muitas pessoas, nos âmbitos *on* e *offline*.

Quando definimos um evento num determinado espaço do tempo, ele passa a ser determinado por quatro instâncias preliminares, estrategicamente articuladas. A primeira delas, é a que demarca seu território, ou seja, a área e/ou espaço onde este evento vai atuar. A segunda configura-se como instância decisória, no sentido de pensar de modo estratégico uma complexa rede de contatos e pessoas interessadas naquele evento ou assunto. A terceira instância é sumariamente econômica, pois vai delimitar e aferir os custos e investimentos monetários associados ao evento. Por fim, a última instância determina a importância temporal entre um evento e outro e, conforme Strangio (2016), quanto mais afastado temporalmente uma edição de outra, maior será a potencialidade de impacto que o evento terá sobre a situação como um todo (local, financeiro, público, midiático, etc). Essas variáveis, quando unidas, formam estratégias para a definição e criação de megaeventos que serão mais suscetíveis a terem êxito, e todas carregam sua parcela de importância no planejamento do projeto.

Megaevento é definido, portanto, como um “fenômeno multifacetado e que pode ser analisado de acordo com diferentes critérios” (STRANGIO, 2016, p. 43). Tais critérios para análise são: 1) objetivos: a síntese do que o megaevento se propõe (pode ser atrair investimentos, fomentar turismo, promover uma cidade, etc); 2) tipo: um megaevento pode ser esportivo, assim como os Jogos Olímpicos, religioso como a Jornada Mundial da Juventude, festivais de música, tais como o Rock in Rio, além de teatros, cinemas,

dentre outros; 3) formas de consumo: as maneiras de consumir um megaevento são: a) direta (caracterizada pela presença de um público no exato local onde o evento está ocorrendo), b) indireta (quando o público chega ao evento por meio de divulgações e comunicações), ou c) ambas (quando o público atinge o megaevento pelas duas vias descritas ao mesmo tempo); 4) impacto espacial: diz respeito às modificações estruturais que o megaevento exige, podendo ser mais ou menos invasivo no território onde ocorrerá (por exemplo, uma edição de Jogos Olímpicos exige uma profunda adaptação espacial, ao passo que uma apresentação de cinema não requer severas mudanças estruturais); 5) investimentos: o custo dos investimentos é determinado pela somatória de todos os critérios citados, diferenciando-se apenas em investimentos públicos ou privados para que o megaevento ocorra; 6) processo de tomada de decisão: pode ser complexo ou não e dependerá do tamanho do megaevento, se esse exige muitas mudanças, e sua complexidade – no caso de uma edição de Jogos Olímpicos, é necessário que instituições internacionais participem ativamente em toda tomada de decisões do Comitê Organizador dos Jogos; e, por fim, 7) ocorrência periódica: delimitada pelo espaço de tempo em que os megaeventos acontecerão. No caso do objeto do presente estudo, as Olimpíadas ocorrem a cada quatro anos em um país-sede diferente.

Importante destacar que megaeventos deixam impactos após seu término, sendo o legado, um dos principais. Para Hall (2006), legado é toda a herança social, econômica e/ou física – positiva ou negativa – que o megaevento deixa após seu término, e que tem a potencialidade de impactar a comunidade que o recebe por um período muito maior do que comparado ao período que ocorre o megaevento. Nesse sentido, Strangio (2016) diz que o legado atrai elites ligadas à política e à economia, especialmente quando este invoca questões dos âmbitos “social, cultural, ambiental, político, econômico e esportivo” (STRANGIO, 2016, p.49); porém, afirma também que o legado é parte do “desconhecido” relacionado ao megaevento. Além disso, legados podem desdobrar-se em benefícios para a economia, para os campos social e ambiental, bem como infraestruturas e instalações físicas construídas, além de ativos intangíveis como marca, imagem e reputação, passando por questões de evolução cívica do país, institucional, governamental e relacionadas à confiança. Segundo a autora, todos os ativos tangíveis e intangíveis deixados pelo legado possuem um impacto para a sociedade que o sediou ainda maior do que os provocados no momento em que ocorria o megaevento. (STRANGIO, 2016). Já Guala e Bondonio (2016) delimitam esse espaço e a diferença entre legados tangíveis e intangíveis, especialmente quando o megaevento é uma edição de Jogos Olímpicos.

Segundo eles, dentre as inúmeras diferenças entre os ativos tangíveis e intangíveis deixados pelas Olimpíadas, é difícil definir, com precisão, os custos exatos e o sucesso (ou insucesso) dos Jogos, mas um rápido indicador é o número de turistas visitantes do país no período.

O legado físico (tangível) é mais perceptível na cidade-sede (e com desdobramentos para o estado) em virtude das reformas ou construções para receber o evento, além das melhorias nos meios de transporte público e demais infraestruturas para a realização do megaevento. Além disso, Guala e Bondonio (2016) afirmam que há um aumento no número de turistas do país mesmo após o término do evento, o que também caracteriza um legado deixado por qualquer edição de Jogos Olímpicos.

Em relação ao legado intangível, estamos nos referindo a questões que envolvem o orgulho local, o patriotismo, legitimação política e etc. Os autores explicam que a nação que recebe uma edição de Jogos Olímpicos pode ser legitimada pelo sucesso do evento, o que pode alavancar o futuro do turismo do país. Além disso, é a oportunidade para forjar uma nova imagem do país ou cidade-sede, a fim de reposicionar melhor aquela comunidade perante o mundo. Nesse sentido, Strangio (2016) afirma que para países em desenvolvimento, megaeventos visam colocar o país no mapa, servindo para elevar o status do país e contribuir para fazer sua imagem emergir em um nível global. Assim, podemos dizer, segundo a autora, que os Jogos Olímpicos, no Brasil,

não podem ser considerados um projeto para o desenvolvimento humano, no sentido de que, mesmo que possam ser um instrumento para o desenvolvimento de uma área, eles não têm intenção de aliviar as desigualdades econômicas e sociais. Os requisitos dos Jogos Olímpicos, de esportes de elite e dos seus atletas, os privilégios especiais para os patrocinadores olímpicos e seus convidados, contrastam clara e radicalmente com o desenvolvimento igualitário social e humano. O objetivo principal dos Jogos não é o desenvolvimento, mas esportes e negócios (STRANGIO, 2016, p. 51)

Apesar desses contrapontos negativos deixados pelo megaevento, pode-se destacar que melhorias em transporte, infraestrutura e comunicação trazem benefícios reais para os cidadãos da comunidade impactada. No entanto, “em vez de ser um catalisador para projetos de investimento vantajoso em longo prazo, os Jogos Olímpicos tendem a desviar a atenção e os recursos necessários para projetos de curta duração, imediatos para sua realização” (STRANGIO, 2016, p. 52).

Portanto, podemos inferir que megaevento é uma das possibilidades de existir de um acontecimento, posto que se configuram como encontros de pessoas (muitas ou poucas) dentro de um espaço e duração pré-determinados; ao mesmo tempo em que é um fato que

merece maior destaque na mídia. Com a união de megaevento e acontecimento, é esperado que o assunto reverbere muito na mídia, a exemplo dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

## 2.2

### 2.3 2.2 O acontecimento na mídia

Uma das características de acontecimentos do tipo megaevento é que, ao tornarem-se discurso, são suportados por mídias, fazendo com que eles existam de fato para todas as pessoas que são atingidas por ele – uma vez que é a mídia que confere legitimidade para os acontecimentos. Sendo assim, o acontecimento midiático é um resultado de discurso que fala sobre um fato que não foi modificado, e o transforma em acontecimento passível de ser percebido e entendido por quem está recebendo essa informação, conforme todos os aspectos e propriedades potenciais necessários a ele.

Mídia é uma palavra originária do latim e significa “meios” no plural. Neste caso, meios de comunicação, onde circulam, todos os dias, informações, imagens, vídeos, mensagens através de dispositivos que nos possibilitam estabelecer relação entre e com todos nós, e também com o mundo. (FRANÇA, 2012). O início do século XX marca a explosão da imprensa de grande tiragem, seguida pela invenção do rádio, do cinema e enfim da televisão, configurando-os como meios de comunicação de massa. Naquela época, a capacidade de comunicar a mesma mensagem para milhões de pessoas distantes territorialmente sinalizava uma grande revolução. Com o advento da internet e o acesso facilitado aos computadores pessoais, além da criação de redes sociais, construiu-se a interação de todos os receptores entre si, independentemente de hora e local. Soma-se a isso a constante troca de papéis entre emissores e receptores, o que configurou como a grande revolução trazida com esse novo dispositivo.

A expressão ‘comunicação de massa’ é substituída então por *media*, ou mídia – englobando os velhos e novos meios: os meios massivos, os meios de acesso individual, enfim, tudo aquilo que serve para comunicar, para transmitir uma informação, criar uma imagem. E aí entram tanto o jornal impresso quanto o *webjornalismo* (...) Mídia se torna um conceito abrangente, uma expressão que significa várias coisas: instrumento, espaço, sujeito. Funciona como *instrumento*, ou dispositivo, por meio do qual se pode criar linguagem, formatar e veicular produtos. Constitui também um novo espaço de troca, de convivência, de consulta, de convocação; um espaço de encontro e de circulação, como o são a rua, a praça, os estádios, os cafés, os bares. E atua ainda como um novo *sujeito* – quando percebemos que essa nova instância produz e configura um discurso próprio, um lugar de fala possante e poderoso (FRANÇA, 2012, p. 11).



Segundo a autora, a mídia é a instituição que consegue caracterizar melhor o cenário contemporâneo atual, onde se desdobram características do nosso comportamento. E conclui: “a mídia é o espaço privilegiado no qual a sociedade fala consigo mesma, a propósito de si mesma”. (FRANÇA, 2012, p. 12)

Sendo o acontecimento algo que permite investigar passado e futuro - conforme já descrito - colocando-o em um contexto definido em que é possível distingui-lo dos demais. Identificando suas individualidades e os sujeitos que o suportam, forma-se um enredo, que necessariamente, terá um fim (no sentido temporal). E é neste âmbito de tantas especificidades, caracterizado por conflitos, tensões e contradições, que entram os *media*. Queré (1995, *apud* FRANÇA, 2015), afirma que os *media* possuem papel fundamental para fornecer suporte aos agentes envolvidos no acontecimento. Ao passo que eles identificam e exploram outros campos do acontecimento, trazem para o debate público soluções para serem discutidas, ampliadas, modificadas e implementadas no acontecimento retratado. O debate público em questão é realizado, portanto, por todos os atores sociais, cujos suportes e arenas de discussão são muitos e variados.

Ao dar visibilidade para uma nação/país, a mídia atua como ferramenta que ajuda a construir a imagem do país na cabeça das pessoas. A valer da maneira que se dá essa construção, ela pode impactar a forma como as pessoas percebem o país, alterando suas decisões em relação a visitar ou comprar produtos advindos deste lugar, como pontuam Fensterseifer e Avec (2014). O modo que se dá essa construção, segundo as autoras, ajuda na ampliação de algum estereótipo que o receptor já tenha em sua mente, perpetuando-o e aumentando seu poder de alcance. Sendo assim, a importância da abordagem da mídia se dá enquanto ferramenta que concede visibilidade ao acontecimento.

Para termos uma breve visão dessa união (mídia e visibilidade), é necessário entendermos como as duas instâncias operam, quando juntas. Avançando vários anos na história dos meios de comunicação, após a criação da internet e das mídias digitais, o debate público passou a figurar no âmbito digital. Neste espaço, a mensagem emitida ganha proporções de massa, atingindo e envolvendo milhões de pessoas no mesmo “espaço público” – que passa a ser nominado “espaço público midiático”, de acordo com Wolton (2003, *apud* BARICHELLO, 2006, p.2).

Com o advento dos novos espaços públicos, agora suportados por campos midiáticos, compete aos grandes conglomerados de comunicação estarem atentos aos acontecimentos que circundam a *agenda setting* da imprensa mundial, ou seja, acontecimentos com grande poder de afetação ao coletivo, que têm o poder de romper

com o cotidiano, e que tornam praticamente obrigatório para os veículos de comunicação a sua reverberação na mídia. (FRANÇA, R. 2014).

Sob a ótica midiática, França (2015) identifica, com base em Charaudeau, três características para a seleção e construção de um acontecimento: os fatores de imprevisibilidade, socialização e atualidade. Para o autor, essas características ajudam a construir o acontecimento, ordenando-o e estruturando-o a partir dos *media*.

Assim sendo, temos que o potencial de atualidade se dá pelo imediatismo que a mídia nos provoca, sem que haja uma conexão com o acontecimento anterior. Este potencial também é explorado pela mídia ao passo que liga esse imediatismo “a um potencial de proximidade espacial: a noção de atualidade carrega consigo a proximidade física do fato que está sendo mostrado” (FRANÇA, 2015, p. 54). Conforme esse raciocínio, para o acontecimento ser algo publicado na mídia, é necessário avaliar o seu potencial de afetar a população envolta no acontecimento, além de representar o que acontece no mundo. E, por fim, o potencial de imprevisibilidade diz respeito ao que capta a atenção, o interesse e o carinho do sujeito, conforme citado. Também na mídia, o acontecimento deve alterar o sistema em que ele ocorre, provocando os sujeitos que o suportam, a buscar e encontrar respostas neste novo horizonte que o acontecimento desperta no coletivo envolvido.

Os Jogos Olímpicos Rio 2016, atendem, mesmo que parcialmente, todos os três fatores propostos por Charaudeau, abordados por França (2015). À época em que as notícias, reportagens e matérias veicularam, o poder de atualidade do acontecimento era efervescente, bem como seu poder de sociabilidade e imprevisibilidade.

A fim de compreender melhor o conceito de acontecimento quando em relação com a mídia, Simões (2011) apresenta, a partir de Quéré (2005), três abordagens possíveis para problematizar acontecimento: 1) construtivista; 2) agenda setting; e 3) ritual.

Na abordagem 1, construtivista, os acontecimentos que a mídia nos reporta “não são as imagens puras e simples do que ocorre no mundo, mas sim os resultados de um processo socialmente organizado, e socialmente regulado, de dar forma a, de encenar e de dar sentidos às informações” (Quéré, 2005, *apud* SIMÕES, 2011:130). A mídia descreve as situações e as ocorrências do mundo para que os espectadores conheçam os acontecimentos que os circundam.

A abordagem construtivista possui duas ramificações: a) acontecimento como produto midiático e b) acontecimento para uma construção de notícia. A ramificação (a), também chamada de radical, reconhece o acontecimento somente como produto midiático, ou seja, uma representação da realidade que a mídia construiu; ou como os

acontecimentos são constituídos na produção jornalística. A ramificação (b), denominada de moderada, “situa a constituição dos acontecimentos nos processos de construção da notícia, ressaltando o papel [...] da linguagem jornalística do processo”.

No entanto, Simões afirma que Quéré (2005) considera haver uma falha nesta abordagem, uma vez que ela coloca o acontecimento somente pela visão da mídia. Portanto, a falha é em virtude de que a dimensão central dos acontecimentos é a experiência que o acontecimento fornece a que o está vivendo. (SIMÕES, 2011)

Retomando para as abordagens, temos a de número 2, agenda setting. Esta diz respeito ao acontecimento que, enquanto fato importante que capta a atenção pública (seja ela mídia, público ou atores públicos), configura visibilidade das ocorrências na mídia, além de possuir uma hierarquização (SIMÕES, 2011). Ou seja, elenca acontecimentos que possuem mais destaque do que outros. Apesar do acontecimento encontrar na mídia a visibilidade necessária para atingir mais pessoas, os autores trazem críticas a esta abordagem, ao afirmar que o acontecimento não se deve limitar ao espaço dado a ele na mídia, pois, conforme já exposto, o acontecimento é primordialmente, da ordem da experiência e não pode ser preso ao espaço midiático que os veículos de comunicação determinam a ele.

Por fim, a abordagem número 3 é a que trata do ritual. O ritual é uma entidade atemporal, uma cerimônia que pode orientar o entendimento dos acontecimentos. Para exemplificar essa abordagem, temos as Cerimônias de Abertura e de Encerramento dos Jogos Olímpicos. São rituais que demarcam o início e o fim do acontecimento, e que tem por objetivo apresentar ao mundo um espetáculo com as qualidades do país e temas que estão em voga na mídia – além de apresentar, também, uma participação do próximo país que receberá a futura edição dos jogos (neste último caso, na Cerimônia de Encerramento). Novamente, a crítica de Quéré (2005), de acordo com Simões (2011, p.130), diz respeito ao fato de que não podemos deixar de lado a dimensão temporal de onde o acontecimento irrompeu, inscrevendo-se na cena do espaço-tempo em que ele surgiu. Ou seja, a edição 2016 dos Jogos Olímpicos ocorreu, pela primeira vez, num país latino-americano, na cidade do Rio de Janeiro, a qual foi retratada em 2013 (3 anos antes das Olimpíadas Rio 2016) como violenta e com grandes contrastes estruturais pelo jornal estadunidense *The New York Times*, como colocam as autoras Fensterseifer e Vanc (2014, p. 13)

Em contrapartida, Nora (*apud* SIMÕES, 2011, p. 132) destoa de Quéré (2005) e descreve o papel da mídia como aparato onde os acontecimentos tomam forma e marcam

presença, sendo, para nós, espectadores, impossível de evitar sua existência. Este papel pode ser visto como uma construção, ordenada e estruturada pelos *media*, que adquire a proporção que tem, não por conta do acontecimento de fato, no seu estado cru; mas sim em virtude de toda a publicização e midiatização em torno dele.

Essa abordagem vai ao encontro do pensamento de França (2014), que afirma que os próprios meios de comunicação ditam quais acontecimentos virão a público como sendo importantes, de acordo com a exposição que os *media* reserva ao acontecimento. De acordo com a descrição de Charaudeau: ele sempre nos impacta já com o filtro da mídia, onde “é utilizado um roteiro *dramatizante* que faz uso de arquétipos e outras narrativas do imaginário popular, a fim de provocar emoção - e que pode estar presente tanto no relato de uma tragédia natural, quanto em uma partida de futebol” (França, 2014, p. 55).

No olhar de França (2012, p. 16) para os acontecimentos em relação à mídia, são propostas duas observações. A primeira diz respeito à mídia enquanto lugar onde surgem e se produzem acontecimentos; e a segunda diz respeito à mídia enquanto espaço que o acontecimento encontra para repercutir – o que a autora denomina “primeira e segunda vida” dos acontecimentos. Em ambas, a existência simbólica é transformada em discurso, o que pode se dar tanto em rodas de conversa presenciais, quanto em esferas midiáticas. Essa existência simbólica do acontecimento é tão “transformadora, e causa tanto impacto, que ela atua igualmente (e novamente) como acontecimento existencial – este, por sua vez, será comentado, e se transformará, de novo, numa segunda vida, numa espiral crescente” (2012, p. 16). Isso significa que, no universo em que estamos inseridos, a mídia tanto cria os acontecimentos, quanto os repercute. Segundo a autora, apesar não sermos a única geração/sociedade a possuir acontecimentos impactantes, com certeza somos a única a viver a profusão midiática hoje vista – coisa que nenhuma outra sociedade viveu. (França, 2012, p. 17). Cabe ressaltar aqui, que uma edição de Jogos Olímpicos consegue ativar tanto uma “vida” quanto outra, ao passo que suas ocorrências e fatos reverberam tanto na mídia, que acabam por entrar na espiral crescente, citada pela autora.

Assim, pode-se dizer que nesse mundo com imensa profusão midiática, surgem vários tipos de enquadramentos conferidos aos acontecimentos, próprios dos mais diversos meios de comunicação disponíveis atualmente. França (2014) afirma que esses enquadramentos fazem com que determinados fatos se tornem públicos e com as características de serem acontecimentos importantes, a partir da forma com que são expostos. Nesse sentido, acontecimentos tidos como sem importância, conseguem obter grande visibilidade midiática. Apoiados nos exemplos que o autor traz, podemos dizer

que um pedido de casamento entre duas mulheres realizado<sup>12</sup> durante os Jogos Olímpicos, uma *selfie* tirada por uma atleta<sup>13</sup>, o uso do véu por uma atleta egípcia<sup>14</sup>, ou uma “noitada” de outro atleta,<sup>15</sup> são exemplos que, se não ocorressem durante a Rio 2016, não ganhariam o espaço midiático que ganharam em nosso convívio – no entanto, ganham uma repercussão destacada pela estratégia de exposição na mídia. E conclui, com o que “Charaudeau chama de ‘*pregnância*’: a capacidade de provocar uma saliência no discurso que ganha visibilidade e força por sugerir uma mudança no contexto” (2014, p. 55).

Dentro do cenário de vários enquadramentos disponíveis para diferentes meios de comunicação, França (2012) aborda o “empoderamento significativo” da sociedade. Ao passo que estamos mais “poderosos” (em termos de disposição de mídia), também estamos mais fragilizados – em referência aos próprios acontecimentos. Ao retomarmos que acontecimentos não são simplesmente ocorrências do dia-a-dia, mas sim fatos que afetam nossa sociedade ao passo que acontecem a alguém, provocam sentidos, convocam o passado e reorientam o futuro, a autora lança luz aos questionamentos:

Estamos sendo realmente afetados pela avalanche de fatos e ocorrências que nos são reportados cotidianamente – às vezes a cada hora? Quais e quantos ainda mantêm seu poder de afetação? São eles provocadores de sentido? Olhamos para eles buscando suas causas, inquirindo suas consequências? (FRANÇA, 2012, p. 17)

Ou seja, quanto mais a sociedade está munida com recursos midiáticos para o acesso à informação, existe o questionamento se esse amplo acesso torna os fatos mais superficiais – ou seja, com baixo poder de afetação. Os questionamentos criados pela autora buscam entender como se articula um acontecimento quando ele é mediado, e de quais maneiras isso ocorre – seus atores, seus aparelhos e suas funcionalidades.

Por fim, e retomando o exposto, França (2014, p. 54) esclarece que acontecimento midiático é a síntese do discurso que converte o “fato bruto” em um acontecimento suscetível de ser percebido e entendido pelos receptores da informação. Sendo assim, um grande acontecimento que envolve uma determinada comunidade, aciona certos tipos de sentidos e tem indivíduos que o suportam enquanto ele existe, gera uma tensão com os *media* a fim de que exista uma publicização midiática. Por instaurar uma quebra no discurso, o acontecimento muitas vezes implica numa alteração de grades jornalísticas,

<sup>12</sup> Fonte: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/rugby/noticia/2016/08/elas-se-amam-brasileira-do-rugby-e-pedida-em-casamento-no-gramado.html>

<sup>13</sup> Fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470733548\\_558175.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470733548_558175.html)

<sup>14</sup> Fonte: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/volei-de-praia/noticia/2016/08/islamismo-veu-e-calca-egipcias-sao-1-dupla-da-historia-do-pais-na-olimpiada.html>

<sup>15</sup> Fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471560426\\_231747.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471560426_231747.html)

tanto impressa, quanto televisiva ou radiofônica, exercendo pressão na mídia e emplacando sua veiculação. É essa abordagem na mídia e a maneira que o acontecimento é veiculado que ajudam a construir sentido em torno do fato bruto, conforme veremos a seguir.

### 3. CONSTRUÇÃO DE SENTIDO E IMAGEM

Neste capítulo, buscaremos fazer uma relação de como se dá a construção de sentidos e, posteriormente, imagens; procura-se entender a relação dessas teorias quando em conjunto com as teorias de megaevento e acontecimento. Para tanto, os principais autores que nortearão o estudo são Berger e Luckmann (1996), Baldissera (2006 e 2008), Gomes (1999), Bordieu (2005) e Carnielli (2016). Com isso, acionaremos conceitos como tipificações, sentidos, trocas simbólicas, instituições, construção da realidade, vida cotidiana, megaevento, imagem e imagem-conceito, para auxiliar no entendimento e na análise geral do objeto desta monografia.

#### 3.1 Construindo sentidos a partir de representações do cotidiano

Sendo um megaevento (como os Jogos Olímpicos) um fato que discorre em um grande acontecimento de alta visibilidade midiática, conforme explicamos no capítulo dois, podemos levar em consideração os sentidos que são acionados a partir deste acontecimento, e que ajudam a sociedade a formar imagens e significações próprias sobre a situação e o contexto em questão. Conforme já mencionado, um acontecimento interfere na vida do lugar e da comunidade. Dito isso, podemos concluir que ele ocorre e se reverbera na vida cotidiana. Nesse sentido, segundo Berger e Luckmann (1996), a vida cotidiana é um lugar onde existe uma “realidade pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER, LUCKMANN, 1996, p. 35). No entanto, é importante frisar que o lugar onde ocorre a vida cotidiana não é apenas “tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas” (BERGER E LUCKMANN, 1996, p. 36); mas sim um local existente a partir do pensamento e da ação dos homens, além de ser afirmado como real por eles mesmos.

Ao trazermos os dois autores para reflexão, podemos dizer que é na vida cotidiana que construímos os diversos sentidos que circundam nossa vida com as mais variadas significações. Berger e Luckmann (1996) explicam que o mundo possui diversas realidades, e ao transitarmos de uma para a outra, sofremos um choque causado por este deslocamento da atenção que damos à transição. Entre essas diversas realidades que se apresentam a nós, a denominada “por excelência”, para os autores, é a da vida cotidiana – esta, por sua vez, encontra-se em posição privilegiada em relação as outras múltiplas realidades, e eles a designam como “realidade predominante” (BERGER, LUCKMANN, 1996, p. 38), onde

a tensão da consciência chega ao máximo na vida cotidiana, isto é, esta última impõe-se à consciência de maneira mais maciça, urgente e intensa. É impossível ignorar e mesmo é difícil diminuir sua presença imperiosa. Consequentemente, força-me a ser atento a ela de maneira mais completa. Experimento a vida cotidiana no estado de total vigília. Este estado de total vigília de existir na realidade da vida cotidiana e de apreendê-la é considerado por mim normal e evidente, isto é, constitui minha atitude natural. (BERGER, LUCKMANN, 1996, p. 38)

Uma vez que experimentamos essa realidade da vida cotidiana, ela nos joga frente a diversas significações. Vale lembrarmos o pensamento de Simões (2011) que nos diz que o acontecimento é da ordem da experiência, e é o resultado da interação entre o indivíduo e algum aspecto do mundo onde ele está inserido. Ou seja, ao experimentarmos um acontecimento, estamos encarando, absorvendo e construindo uma série de significações. Para Berger e Luckmann (1996), existem campos finitos de significação que desviam a atenção da realidade da vida contemporânea. Porém, os autores destacam que, dentro da própria vida cotidiana já ocorrem esses deslocamentos de atenção – ou seja, diversos mundos que operam unidos, dentro da nossa realidade individual, e que por vezes, se chocam e nos desviam o olhar da centralidade da vida cotidiana.

Ainda falando da realidade da vida cotidiana, os autores explicam que ela está organizada, temporalmente, “em torno do ‘aqui’ de meu corpo e do ‘agora’ do meu presente” (BERGER, LUCKMANN, 1996, p. 38), sendo este aqui e agora o foco da atenção sobre a realidade da vida cotidiana. No entanto, os autores alertam o fato de que a realidade do dia-a-dia não termina nesses acontecimentos imediatos, mas contempla também fenômenos que não estão presentes “aqui e agora” - ou seja, vivemos a vida cotidiana em diversos graus de aproximação e distâncias (espacial e temporalmente).

A realidade da vida cotidiana se apresenta como um mundo intersubjetivo, em que é possível conviver com outras pessoas e, segundo os autores, é essa intersubjetividade

que torna a nossa vida cotidiana, diferente das outras realidades que temos consciência. Além disso, o “outro” (aqui posto, o outro são as demais pessoas do nosso convívio), também age naturalmente neste mundo, que lhe é próprio na sua vida cotidiana; do mesmo modo que nós agimos, além de também se organizarem em volta do “aqui e agora” de seus próprios mundos – em que, o nosso “aqui” é o “lá” do outro, e o nosso “agora” não se aplica completamente ao dos outros. (BERGER, LUCKMANN, 1996, p. 39, 40)

Nesse sentido, é “*ai*”, ou seja, esse mundo intersubjetivo, que temos, de fato, a realidade da vida cotidiana, pois ela não requer uma certificação maior do que sua presença. Berger e Luckmann (1996) esclarecem que, embora algumas dúvidas surjam sobre essa afirmação, somos forçados a abandonar a dúvida, uma vez que percebemos que vivemos “rotineiramente na vida cotidiana”. Esse mundo da vida cotidiana, se auto proclama de modo tão demarcado, que para conseguirmos abandonar esse âmbito (ou a dúvida que temos em relação a ele), precisaríamos de uma mudança muito extrema como, por exemplo, a mudança de um país, o que para os autores é considerado um esforço nada fácil.

Quando tratamos de indivíduos interagindo entre si, e em novos e/ou diferentes ambientes, Berger e Luckmann (1996) explicam que, a interação social da vida cotidiana é compartilhada com outros sujeitos, e não é algo de caráter pessoal. Portanto, podemos concluir que criamos significações em coletividade. Essas significações, por sua vez, dialogam com Baldissera (2008), quando o autor explica que é por meio da construção de sentidos que conhecemos o mundo (2008). Baldissera também explica que os seres humanos recriam coisas através de sentidos prévios e possuem a capacidade de transformar elementos inicialmente sem importância em objetos cheios de significações culturais.

Sentido é, para Bakhtin (1999, *apud* BALDISSERA, 2008, p. 195) da ordem do social. Ou, de acordo com Ruiz, o sentido “se organiza em teias e estruturas de significados, a fim de estabelecer suturas simbólicas que deem coerência à ação humana” (Ruiz, *apud* BALDISSERA, 2008, p. 195). No entanto, o autor ressalta que, embora os sentidos sejam da ordem do social, “é redutor pensar que o sujeito não participe ativamente desse processo” (BALDISSERA, 2008, p. 195). E destaca, inicialmente, que atribuímos significação ao nosso entorno, e em certo momento e a um nível específico, essa atribuição torna-se também da qualidade do individual.

Baldissera (2008) continua a conceituação ao falar que não é possível “imobilizar” a significação, uma vez que vivemos em um mundo constantemente recriado



por nós mesmos, com nossos diversos processos de construção de sentido. No entanto, o autor retoma Ruiz (2003) para alertar que esses sentidos recriados não refletem o mundo como uma rede de significados culturais por si só, de onde compreendemos e transformamos a realidade, mas também refletem um local onde nós aparecemos como sujeitos tensionados pela cultura.

O autor dialoga com Eco (1991), que traz um novo olhar para o sistema de significação supracitado. Para Eco, esse sistema é um “constructo semiótico autônomo, com modalidades de existência de todo abstratas, independentes de qualquer ato de comunicação possível que as atualize” (Eco, 1991, p. 6 *apud* BALDISSERA, 2008, p. 196), ou seja, significação e processos comunicacionais são independentes entre si. Nesse sentido, é possível aproximar o pensamento de Baldissera (2008) - quando ele afirma que a significação é atribuída ao lugar que o indivíduo e o texto estão inseridos no contexto - ao de Berger e Luckmann (1996), quando estes explicam que a realidade da vida cotidiana é organizada ao redor do aqui e agora, de meu corpo e meu tempo presente, ou seja, do meu contexto singular de vida.

A partir das colocações de Baldissera (2008) pode-se afirmar que toda comunicação pressupõe significação – ou seja, os processos comunicacionais precisam deste sistema de significação como algo obrigatório para existir. Isto é, torna-se impossível termos comunicação sem os variados sistemas de significação que dispomos ao nosso alcance, e finaliza: “a comunicação pressupõe sentidos em circulação e disputa” (BALDISSERA, 2008, p. 196).

Quando afirmamos que esses sentidos estão em circulação e disputa, estamos “atualizando a ideia de que a significação é permanentemente construída com base em processos de interação no meio histórico-sócio-cultural” (BALDISSERA, 2007, p. 237) No entanto, ao passo que os sujeitos agem de acordo com as significações, a recíproca não é verdadeira; não podemos afirmar que uma significação é de autoria de um sujeito em específico (que está fazendo ou fez uso dela).

Vale ressaltar que a construção coletiva de sentido ou da representação social não se dá somente por meio de interações face a face, ou por interações sociais e culturais, mas também por mediações como a do jornalismo. Apreendemos, por exemplo, o outro por meio de esquemas de tipificações, que podem ser acionadas por dispositivos midiáticos, como construções de sentidos a partir de matérias jornalísticas. Nessas tipificações, já interagimos munidos de padrões previamente determinados, sendo Berger e Luckmann (1996).

Aprofundando mais a questão acerca de tipificações, podemos afirmar que elas estão tão inerentes, que a “realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como ‘lidamos’ com eles nos encontros face a face” (BERGER, LUCKMANN, 1996, p. 38). Ou seja, apreendemos o outro com determinados padrões e especificidades de modo que elas afetam a relação do indivíduo com o outro, fazendo com que a nossa própria interação seja moldada pelas tipificações prévias que estabelecemos. E, aqui, podemos dizer, embasados nos autores, que a recíproca é verdadeira: “o outro também me apreende de uma maneira tipificada [...]”.

As tipificações do outro são tão suscetíveis de sofrerem interferências de minha parte como as minhas são da parte dele. Todas essas tipificações entram em uma espécie de negociação de tipificações, onde os agentes atuantes “barganham” seu espaço face a face com o outro constantemente, tornando os encontros da vida cotidiana em encontros de duplo sentido, ou seja, apreendendo o outro como um tipo e, segundo os autores, em que ocorrem interações com os outros indivíduos em uma situação que por si mesma típica. (BERGER, LUCKMANN, 1996).

Sendo assim, podemos concluir, fundamentados nos autores, que a “realidade social da vida cotidiana é, portanto, apreendida num contínuo de tipificações” (BERGER, LUCKMANN, 1996, p. 51) onde, a soma de todas as tipificações e padrões de interações resulta na estrutura social – que, por sua vez, é um importante componente da realidade social da vida cotidiana. Conforme já mencionamos, essas tipificações podem ser apresentadas por meio da produção de acontecimentos pela mídia.

A linguagem é definida pelos autores como o sistema de sinais mais importante da nossa sociedade e o registro dos significados linguísticos dos conteúdos (a escrita - a qual buscamos analisar nesta pesquisa), é posta pelos autores como sendo um “sistema de sinais de segundo grau” (BERGER, LUCKMANN, 1996, p. 55). Ou seja, em escala de importância, a linguagem é o primeiro sistema de sinais, e a escrita, o segundo sistema de mais importante. Em virtude disso, importa explicar que a linguagem se origina na “situação face a face”, mas é passível de transcender essa situação quando a usamos (por exemplo) por meio de telefone, rádio, tv - e por fim, a escrita: mensagens, internet, reportagens de jornais e etc.

Os autores explicam que temos, então, uma radical transformação na tensão da consciência, e frisam que

é importante, porém, acentuar que a realidade da vida cotidiana, conserva sua situação dominante mesmo quando estes “transes” ocorrem. Se nada mais houvesse, a linguagem seria suficiente para nos assegurar sobre este ponto. A linguagem comum de que disponho para objetivação de minhas experiências funda-se na vida cotidiana e conserva-se sempre apontando para ela mesma quando a emprego para interpretar experiências em campos delimitados de significação. Por conseguinte, “destorço” tipicamente a realidade desses últimos logo assim que conheço a usar a linguagem comum para interpretá-los, isto é, “traduzo” as experiências não pertencentes à vida cotidiana na realidade suprema da vida diária. (BERGER; LUCKMANN, 1996, p. 42 – 43)

Desse modo e, traçando um paralelo com o objeto deste estudo monográfico, a linguagem se traduz no conteúdo escrito, presente nas matérias e reportagens publicadas pelos jornais analisados e este conteúdo pode trazer abordagens tipificadas que ajudam a construir a imagem da realidade social do Brasil. Os autores também abordam a capacidade de fala dos seres humanos, tornando possível diferenciar-se dos “estados subjetivos e imediatos do aqui e agora” (BERGER E LUCKMANN, 1996, p. 55). Podemos refletir, então, que essa expressão vocal, a fala é de certo modo, subjetiva do aqui e agora, torna-se “eterna” no momento da escrita (por exemplo, no momento em que as reportagens jornalísticas materializam a linguagem na escrita do conteúdo analisado). Esta capacidade dá poder às pessoas de se comunicarem e reverberarem assuntos dos quais elas não estão presentes fisicamente, e tampouco estarão ou terão experiência direta, como no caso dos Jogos Olímpicos.

Por fim, os autores concluem que, com a linguagem, podemos “tornar presente uma grande variedade de objetos que estão espacial, temporal e socialmente ausentes do ‘aqui e agora’” (BERGER, LUCKMANN, 1996, p. 58), ou seja, o mundo inteiro pode se atualizar de qualquer conteúdo à qualquer momento.

Retomando Berger e Luckmann (1996), linguagem é o sistema de sinais mais importante da sociedade, pois se origina em situações presenciais dos indivíduos. Sendo assim, Bourdieu aborda no texto “Economia das Trocas Simbólicas” (2005) aborda, dentre outras questões, linguagem institucional. Segundo Bourdieu (2005), a legitimação desta linguagem “vem de fora”, ou seja, de alguma instituição melhor posicionada socialmente, que confere propriedades legítimas àquela fala. No entanto, podemos afirmar que a linguagem é capaz apenas de representar a autoridade que uma instituição poderia lhe conferir, mas apenas a cargo de manifestá-la e simbolizá-la. Por este motivo, tem-se então, uma retórica por parte dos porta-vozes em seus discursos institucionais, uma vez que eles devem ir até os limites dados pela companhia/instituição. Quanto mais

legitimidade tem a instituição ou o porta-voz, maior é sua posição social e mais alcance e credibilidade aquele discurso terá.

Nesse sentido, o autor afirma que

as enunciações servem tanto para ‘descrever um estado das coisas ou afirmar um fato qualquer’, como também para executar uma ação, porque o poder das palavras reside no fato de não serem pronunciadas a título pessoal por alguém, que é tão somente ‘portador’ delas. O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes, e por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato, e do qual ele é, por assim dizer, procurador. (BORDIEU, 2005, p. 89)

Em um breve paralelo com o objeto deste estudo, podemos dizer que os jornalistas, autores das reportagens analisadas, são os porta-vozes das instituições que representam, os jornais. No entanto, caso um enunciado seja proferido por um sujeito que não recebeu o “poder” para falar, este está predestinado ao insucesso, uma vez que não possui autoridade e legitimidade para tal enunciação. O locutor em questão deve ser alguém que foi, previamente, dotado de poder para a fala pública sobre a instituição.

Sobre institucionalização, Carnielli (2016) pontua que ela é parte fundamental na construção da realidade, e conta com aspectos como reciprocidade, controle, historicidade, a fim de conceber veracidade para a institucionalização de alguma companhia. Além disso, as instituições são capazes de estabelecer padrões à conduta humana, controlando-a e tipificando os atores sociais; ou seja: mesmo que as instituições sejam amparadas pelos assuntos vigentes da sociedade e pelos sujeitos atuantes, elas possuem a capacidade de impor-se sobre o indivíduo e ser um fato exterior a ele, atuando diretamente na sua conduta.

O mundo da institucionalização, portanto, exige uma legitimação para que possa ser possível “interpretar o significado das instituições em várias formulas legitimadoras, capazes de contar a mesma história e transformar a memória biográfica de uma geração em legitimação para a próxima geração” (CARNIELLI, 2016, P. 47). Essa legitimação conferida às instituições, concede a elas uma espécie de “escudo de proteção” que permite a livre interpretação de normas e de conhecimentos, trazendo-os para a realidade e os valores da própria instituição.

Existem quatro níveis de legitimação, de acordo com Carnielli:

o primeiro é o dizer, a nomeação da instituição; o segundo é a referência a ações concretas; em terceiro vem as teorias explicativas que usualmente são confiadas a pessoas especializadas – nível em que a instituição atinge autonomia e pode gerar seus próprios procedimentos institucionais; o quarto e último nível é constituído pelo universo simbólico (CARNIELLI, 2016, P. 47).

Dentro dessas categorias, o universo simbólico é a que mais se aproxima deste estudo monográfico, pois consegue abarcar os acontecimentos da sociedade histórico inteira dentro de seu universo, além de conseguir unir e explicar domínios separados da realidade. Sendo assim, podemos concluir que instituição pode ser compreendida como um encontro de indivíduos, espaço e prática que organizam os sentidos do mundo desses indivíduos que estão dentro dele. (CARNIELLI, 2016, P. 47).

Dentro da lógica da linguagem institucional, há uma que podemos destacar aqui: a classe particular de manifestações simbólicas, cuja forma paradigmática é o discurso de autoridade. Esse tipo de manifestação, segundo Bourdieu (2005), deriva sua “eficácia específica do fato de que parecem encerrar em si mesmas o princípio de um poder que reside efetivamente nas condições instituições de sua produção e de sua recepção” (BOURDIEU, 2005, p. 91). Este tipo de discurso não requer, necessariamente, que seja compreendido, mas ele precisa, obrigatoriamente, ser reconhecido enquanto discurso de autoridade para exercer seu poder de fato. É possível, também, que os discursos não sejam compreendidos por quem os recebe, mas mesmo assim, ele não deixa de perder seu poder. Em virtude disso, é preciso que seja enunciado por porta-voz com autoridade para tal, em local/situação legítima, para espectadores legítimos, além de ser enunciado nas diversas formas legítimas disponíveis.

Apesar disso, é preciso contar com a assistência de questões sociais que ajudam a fornecer tais legitimidades aos discursos. A linguagem de autoridade só é passível de imperar quando suportada pelos “governados”, ou seja, com a colaboração de “mecanismos sociais capazes de produzir tal cumplicidade, fundada por sua vez no desconhecimento, que constitui o princípio de toda e qualquer autoridade” (BOURDIEU, 2005, p. 91). Por fim, essa autoridade, de acordo com Bourdieu (2005), está nas condições sociais de produção e reprodução da distribuição entre as classes do conhecimento e do reconhecimento da língua legítima.

Em linha com o que legitima, o rito é um ato dentro da instituição, com capacidade de consagrar ou legitimar. Desconhece como arbitrária e reconhece como legítimo e natural “*um limite arbitrário*, ou melhor, a operar solenemente, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardados a qualquer preço” (BOURDIEU, 2005, p. 98). Ou seja, o rito, deliberadamente, institui algo como sendo verdade, mesmo sem entender os detalhes

sinuosos que fazem parte do indivíduo ou de alguém. Por fim, o autor afirma que o ritual procura converter aquele sujeito ou objeto que é menor, mais frágil.

Nesse sentido, “instituir é consagrar” (BORDIEU, 2005, p. 99), ou seja, conceder legitimidade as coisas. Portanto, o jornalismo, enquanto agente que distribui conteúdo com uma certa legitimação, pode colocar suas opiniões, e estas ficarem em linha com as discussões da sociedade. Isso permite sancionar uma diferença, “fazendo-a conhecer e reconhecer, fazendo-a existir enquanto diferença social, conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais” (BORDIEU, 2005, p. 99).

Diante o exposto, podemos inferir que o jornalismo, enquanto instituição que gera conhecimento, possui reconhecimento que o legitima e que, por sua vez, legitima os acontecimentos mediatizados por ele. Com isso, temos a construção da realidade dos fatos dentro da sociedade. Deste modo, se faz importante o estudo das teorias compreendidas até aqui, para que possamos entender quais os sentidos que são acionados com as reportagens, matérias e notícias veiculadas pelos jornais analisados, e de como isso constrói imagens que chegam até o indivíduo em sociedade, bem como é importante que entendamos qual o papel do jornalismo neste emaranhado de construções e significações.

### *3.1.1 O jornalismo como construtor de sentido*

O meio onde analisamos as questões deste estudo monográfico são jornais internacionais de grande alcance, de acordo com o objetivo de verificar como foi retratada a realidade social do Brasil, no período pré e pós Olimpíada Rio 2016. Por esta razão, importa entender como este tipo de mídia tradicional (ainda que no ambiente da internet) pode contribuir para a publicização da imagem social de um país. O jornalismo pode se configurar tanto como um suporte para compartilhar o conhecimento comum, quanto um local onde cria-se uma rede de informações de construção da realidade social, como explica Silva (2005). Conclui-se, portanto, que o jornalismo é um lugar que podemos exercitar nosso entendimento de mundo, além de auxiliar nas construções e apreensões de sentidos possíveis.

Podemos explicar o jornalismo, segundo Silva (2005), através de duas perspectivas: a primeira, em consonância com Berger e Luckmann (1996), fala no “aporte da construção da realidade social e, à superfície, é margeada pelas investigações a respeito dos reordenamentos do senso comum” (SILVA, 2005, p. 96). A segunda, aborda o jornalismo enquanto narrativa configurada como um novo lugar para manifestações de

caráter simbólicos e míticos – desta vez, margeada “pela dimensão subterrânea do imaginário, sempre na direção da produção de sentido” (SILVA, 2005, p. 96). Sendo jornais internacionais os objetos deste estudo monográfico, se faz necessária a conceituação, ainda que breve, de como esse veículo de mídia - dita tradicional - produz sentido, e de qual maneira isso ocorre.

O jornalismo, enquanto mídia que influencia na construção de sentidos, é caracterizado por uma trajetória peculiar, impulsionada por um “caminho interseccional”, que, de acordo com Silva, se “complexifica pelas sutis demarcações entre as pesquisas sobre o jornalismo como construção de sentido e de realidade social, e aquelas sobre as notícias que são construções delas mesmas” (SILVA, 2005, p.97). Ou seja, as notícias que foram construídas pelos jornalistas (com construções igualmente sociais), acabam gerando uma relação de troca e tensionamento constantes. Desse pensamento, podemos inferir, com base em Silva, que os entrecruzamentos das abordagens sobre os conteúdos construídos pelos jornalistas (as notícias), tornam-se passíveis de construir um outro conteúdo (ou seja, sentido) em uma (ou mais de uma) recepção.

Cabe ressaltar, portanto, que “a realidade construída pela mídia noticiosa significaria a imagem do mundo criada na cabeça dos receptores pelos critérios dos jornalistas” (SILVA, 2005, p. 98). Esses últimos deteriam o poder de decidir o que os receptores precisam saber acerca daquele fato, criando, impondo e/ou reproduzindo significados sociais aos que recebem as notícias, matérias e reportagens veiculadas.

A partir de Berger e Luckmann (1996), pode-se dizer que significações e tipificações são sistemas criados e usados de nós para uns com os outros, e retroalimentados pelos indivíduos em sociedade. De certa forma, os sistemas de tipificações e as significações explicadas pelos autores, são retratados no âmbito jornalístico, ajudando a retratar e construir a imagem da vida cotidiana. Complementando o pensamento de Silva (2005), Sousa (2005) explica que

os meios de comunicação, através de seus conteúdos, criariam formas de compreensão compartilhadas que permitiriam às pessoas enfrentar o cotidiano, tornariam públicos determinados acontecimentos e ideias, entreteriam, criariam públicos, forneceriam as bases para que a política se transformasse numa coisa pública, permitiriam a aculturação independente da mediação interpessoal e moldariam normas, valores, atitudes, gostos e preferências interiorizadas pelos indivíduos (Sousa, 2002, p. 192 apud SILVA, 2005, p. 98-99).

A fim de entendermos o jornalismo como produtor e agente circulador de sentidos, Ponte (2004, apud SILVA, 2005, p.99) explica, inicialmente, que os novos meios de

comunicação mudaram questões de natureza política, sociológica e cultural, e ajudaram a introduzir, pela primeira vez, o conceito de públicos<sup>16</sup>, além de constituir o jornal como um espaço de conversação pública, partindo da iniciativa privada de empresas de comunicação e se retroalimentando como uma abundante fonte que regula e nutre a vida social.

Em relação às notícias, Park e Ponte (1940, 2004, *apud* SILVA, 2005, p. 99) explicam que a interpretação de notícias compete quase que exclusivamente ao leitor, que também constrói sua opinião sobre o que lê. Além disso, os autores explicam que a contribuição das notícias incide na cultura compartilhada e na criação de uma memória coletiva, além de aponta para a direção de que as notícias e o próprio jornalismo são entendidos como um “importante constituinte desse depósito local do conhecimento” (SILVA, 2005, p.100).

Torna-se fundamental, desse modo, pensarmos que o acervo de notícias – que vive em constante atualização, acúmulo e (posteriormente) esquecimento – como produtor de sentido nos auxilia

a dar conta dos motivos pragmáticos rotineiros, numa apreensão da realidade pelo senso comum, e também dar conta de responder a demandas mais subjetivas, aquelas que a partir desse *capital social de conhecimento*, constituído de e pela linguagem, nos elevem para além do imediato diário e nos situem dentro de imensos edifícios de representação simbólica’ como bem fazem a arte ou a ciência (SILVA, 2005, p. 101)

Concluindo este pensamento, Silva (2005, p. 101) explica que as notícias possuem diversas funções, mas destaca que elas participam na decisão de uma noção compartilhada de questões acerca do que é atual e/ou importante, mas também define aquilo que não é. Notícias também são capazes de gerar pontos de vista sobre outras realidades, geram conhecimento à medida que, direta ou indiretamente, sugerem soluções para problemas diários que nos deparamos na vida em sociedade. E finaliza: “As notícias, ao surgirem no tecido social existente, configuram referentes coletivos e geram determinados processos modificadores dessa mesma realidade” (SOUSA, 2002, *apud* SILVA, 2005, p. 101).

Podemos afirmar, embasados em Silva (2008, p. 102) que o jornalismo é uma forma diferenciada de conhecimento – mesmo que “concorrendo” com o conhecimento científico, que é, segundo a autora, mais prestigiado em nossa cultura. No entanto, o

---

<sup>16</sup> Aqui, “públicos” conceitua-se como “indivíduos fisicamente separados, mas partilhando os mesmos interesses”. Essa conceituação, data de 1910, de autoria de Gabriel Tarde e, ainda muito embrionária, evoluiria mais tarde para os conceitos (por exemplo) de Fortes (2003) que define público como sendo “pessoas que enfrentam questões similares, reconhecem que um problema existe e se organizam para fazer algo a respeito”(FORTES, 2003, p. 25)



jornalismo, diferente do conhecimento científico, além de produzir o próprio conhecimento, o reproduz; e também reproduz outros conhecimentos, desenvolvidos por outras instâncias sociais - portanto, serve para conhecer e reconhecer. (SILVA, 2005, p. 102). E arremata: “mais do que *meio de comunicação* o jornalismo passa a ser considerado um *meio de conhecimento*; uma importante e diferente via de acesso à realidade” (SILVA, 2005, p. 102).

Nesse sentido, Schudson ressalta que as pessoas precisam do jornalismo por uma necessidade informacional, ou seja, uma vontade de se informar sobre pessoas e lugares, o desejo de registrar o mundo, etc. Também pontua que precisamos reconhecer a notícia como uma “forma de cultura” e uma força social – mesmo que não seja uma ação de caráter político.

Notícia, portanto, é um produto cultural de conhecimento público, e uma vez que é produto cultural, colabora com a construção de sentidos em meio à sociedade informacional que vivemos, quase sempre ligada ao senso-comum (SILVA, 2005)

### 3.2 Imagem

Ao falarmos que o jornalismo é um agente construtor de sentidos, busca-se observar quais foram os sentidos criados que podem acionar a imagem do Brasil em relação à sua realidade social. A partir disso, analisamos a imagem do Brasil pelo viés social retratada pelos jornais The Guardian (Inglaterra), El País (Espanha), The New York Times (Estados Unidos), num período que compreendia o acontecimento de um megaevento – Jogos Olímpicos Rio 2016 – além de entender quais os sentidos acionados para a criação das imagens retratadas no período estudado, através destes veículos de comunicação.

Gomes (1999) define imagem pública como um ato

judicativo que se refere diretamente aquele complexo de propriedades que o caracterizam. Trata-se de um discurso declarativo que obedece à forma lógica *a é b* sendo *b* uma noção ou um complexo de noções que se agrega a *a* como seu predicado e definidor (GOMES, 1999, p. 151).

Além disso, o autor também explica que as imagens, inicialmente, propriedades estáveis, são capazes de marcar ou distinguir algo ou alguém. Ou seja, imagens são um *caráter* deste algo/alguém. Para o autor, imagens também são definições de um sujeito no complexo emaranhado de subsídios que o caracterizam. Paralelamente, Baldissera

(2006) afirma que imagem é tudo que nos cerca, ou seja, um composto de cultura, imaginário e processos identificatórios que conspiram para reafirmar essa sentença.

A imagem pode ser percebida a partir de três afirmações propostas por Baldissera (2008): 1) podemos ter imagens de coisas que não correspondem a qualquer representação visual, 2) nem tudo que chamamos “imagem” pode ser representada visualmente, e 3) é possível fazermos e termos imagens com ações e discursos, especialmente com expressões e elementos visuais. Sendo assim, Baldissera (2008) afirma que podemos construir imagem-conceito com imagens visuais, ao mesmo tempo que imagem-conceito pode se atualizar sem depender das articulações de imagens dessa qualidade.

Quando tratamos de uma possível construção de imagem, Baldissera (2006) explica que o processo de “fabricação” de imagem é uma experimentação/ilusão de que o(s) discurso(s) emitidos por uma empresa são capazes de “fabricar” uma boa imagem da marca/produto em questão. No entanto, é importante percebermos que isso não torna impossível que ações estratégicas de comunicação e *marketing* tenham sucesso ao tentar vender, orientar, estimular ou guiar a “alteridade a realizar construções de imagem que atendam aos interesses da engenharia de fabricação da imagem-conceito” (BALDISSERA, 2006, p. 2).

Apesar disso, Baldissera (2006) esclarece que não se trata de uma relação de compra/venda, de “toma lá, dá cá”, pois a aceitação dessa “venda”, ou seja, a aceitação dos sentidos criados com as mensagens estratégicas emitidas, não garante a apropriação delas, nem mesmo que a interpretação será correta de acordo com o que se quis emitir na “fabricação” da imagem. É necessário levar em consideração o histórico de apropriações, cultura, e demais fatores externos àquela mensagem enviada, pois isso ajuda a criar/construir a recepção do sujeito.

Baldissera (2008) propõem uma tríade dos conceitos de imagem físico-visível, imagem-linguagem e, por fim, imagem-conceito; a qual tentaremos aproximar deste estudo monográfico.

Conceituando brevemente as duas primeiras imagens propostas por Baldissera (2008), começamos com a imagem físico-visível como a categoria básica de imagem, que depende da “existência da luz e do modelo, ou seja, do objeto no qual a luz se reflete” (BALDISSERA, 2008, p. 197). É, literalmente, o mundo se projetando visível aos nossos olhos. Assim, captamos uma imagem “não-significada” (2008, p. 197), mas, quando

carregadas de significação, são capazes de formar informações para que (re) conheçamos o mundo sensível.

Imagem-linguagem é a constituição da imagem físico-visível em linguagens, podendo ser codificadas e assumindo seu caráter de linguagem-imagética (BALDISSERA, 2008, p. 197), portanto, podem assumir seu lugar nos processos comunicacionais. “É o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, e as imagens cinematográficas, televisão [...]. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso ambiente visual” (Santaella e Nöth, 2001, p. 15 apud BALDISSERA, 2008, p. 197). Sendo assim, e de acordo com os regulamentos da sociedade, as imagens físicas podem ser captadas, traduzidas e aplicadas em mensagens dotadas de sentidos que, quando levadas aos leitores/ouvintes/espectadores, podem fornecer as interpretações pré-determinadas.

Por fim, chegamos ao último elemento da tríade proposta por Baldissera (2008): imagem-conceito. Inicialmente, podemos traduzir imagem-conceito como sendo um

construto simbólico, complexo e sintetizante, de caráter judicativo/caracterizante e provisório, realizada pela alteridade (recepção) mediante permanentes tensões dialógicas, dialéticas e recursivas, intra e entre uma diversidade de elementos-força, tais como as informações e as percepções sobre a identidade (algo/alguém), a capacidade de compreensão, a cultura, o imaginário, a psique, a história e o contexto estruturado (BALDISSERA, 2008, p. 198)

A fim de esmiuçar o conceito acima descrito, o autor nos traz que as imagens podem ser conceitos que um sujeito atribui a algo ou alguém, e isso vai ao encontro com Gomes (1999, p. 148) quando este aborda que imagens acionam fenômenos diversos que, em comum, são representações: a imagem no seu sentido visual representa algo para alguém, assim como o seu sentido figurado também possui a mesma capacidade - ou seja, uma representação. Entretanto, apesar dessas semelhanças, as duas não se relacionam entre si.

Também podemos afirmar, com base em Baldissera (2008, p. 198), que imagem-conceito tem caráter simbólico e se fundamenta nos processos de significação, mas não necessariamente precisa de comunicação. Porém, o autor (2008) salienta que apesar de não precisar necessariamente de comunicação, a imagem-conceito tem na comunicação o principal sistema para potencializar a estratégia da empresa/marca - além de atuar na mente do sujeito que recebe a mensagem emitida. Mas, conforme explica o autor, imagem-conceito “não impede o sujeito-identitário de informar, orientar ou seduzir, para que ela tenda a ser construída da forma desejada”, além de ser uma “elaboração que

tenciona o indivíduo ao grupo sociocultural” e também “constantemente (re)tecida em processos e subprocessos interativos e interdependentes, diversamente imbricados, que a engendram permanentemente e, de forma recursiva, são por ela gerados e regenerados” (BALDISSERA, 2008, p. 199).

Baldissera (2008) segue com as colocações e afirma que para a

atualização da imagem-conceito, é provável que os insumos de imagem realizem um percurso de apropriação que compreende articulações diversas, antes de experimentar uma certa estabilização. O que estimula o sujeito e a semiose que o estímulo desencadeia tende a obedecer às orientações ofertadas pela cultura, pelo imaginário e prescritas pelos paradigmas do seu grupo social (BALDISSERA, 2008, p. 199)

Além disso, aponta que o âmbito de realização da imagem-conceito esta entre negociações até disputas, organizações e (re)organizações – o que nos possibilita concluir que um megaevento além de acionar diversos sentidos, pode ser um lugar onde temos a criação de imagens-conceito acerca de muitos objetos, sujeitos, situações e etc.

Concluindo, o autor finaliza explicando que imagem-conceito se constitui como um complexo sistema de lugares e de força, onde existe disputas que “atraem/repelem, concentram/dispersam, catalisam/esterilizam, misturam/separam” (2008, p. 1999).

## 4. ANÁLISE

### 4.1 Referencial Metodológico Norteador

Este estudo monográfico utiliza a metodologia da análise de conteúdo, que nos permite identificar e analisar de maneira qualitativa, processos e produtos comunicacionais, além disso de responder mais precisamente aos objetivos desta pesquisa, ao configurar-se como procedimento metodológico que nos possibilita interpretar ou compreender aspectos sobre o conteúdo escolhido, em relação ao objeto. (BARDIN, 1997).

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que analisa todo o tipo de comunicação (escrita, falada, vídeo, fotos etc), além de ser um método essencialmente empírico, que pode variar de acordo com o tipo da fala a que se dedica, e do tipo de interpretação que o objetivo requer para alcançarmos os resultados (BARDIN, 1977). A leitura feita pelo pesquisador não é unicamente uma “leitura à letra”, mas sim o realce de um sentido que está em segundo plano da frase.

É importante ressaltar o nível de dificuldade do entendimento do “código” comunicacional que estamos analisando. Bardin (1977) afirma que, quanto mais complexo este código é, quanto menos explorado ele foi ou quanto mais mutações o objeto sofreu, maior será o nível de dificuldade do pesquisador, uma vez que é necessário empregar inovação a um campo pouco explorado. Como estamos estudando objetos textuais veiculados em jornais, é importante que entendamos os possíveis domínios onde o código linguístico pode alcançar com a análise de conteúdo, que podem ser categorizados pelo número de pessoas impactadas com a comunicação analisada (BARDIN, 1977), o que, conforme a autora, enquadra os jornais na categoria “Comunicação de Massa”, pois referem-se a um código linguístico escrito, com um grande número possível de pessoas impactadas.

Dentre as diversas análises propostas por Bardin (1977), a mais generalizada e utilizada, além de ser a primeira a ser catalogada pela autora, é a Análise Categorial, que leva em consideração a totalidade do texto. A partir dela, são criadas categorias e listas, de acordo com a presença ou ausência de determinados elementos que ajudam a dar sentido ao objeto analisado. Isso possibilita a categorização de elementos iguais que constituem mensagens iguais e/ou semelhantes. Além disso, com essa categorização, é possível criar regras de associação, equivalência ou exclusão, que nos a um segundo nível de análise, “estrutural” (BARDIN, 1977), em que o maior interesse não está na descrição do que o conteúdo apresenta, mas sim no que ele poderá nos mostrar e ensinar após passar por um tratamento que sempre é relativo a este ou aquele objeto.

Dito de outra forma, o que buscamos estabelecer quando realizamos uma análise, é “uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas [...] dos enunciados” (BARDIN, 1977, p. 41). Assim, a análise de conteúdo pode ser compreendida como

um conjunto de técnicas das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42)

Conforme a autora, as iniciativas que são pertencentes à análise de conteúdo são aquelas que

a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que embora parciais, são complementares. Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas,

referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos destas mensagens) (BARDIN, 1977, p. 42).

Com isso, faz-se necessário sinalizar as duas práticas científicas intimamente ligadas à análise de conteúdo: a linguística e as técnicas documentais. A linguística, segundo Bardin (1977) é a descrição de regras para o funcionamento da língua, além das “variações individuais ou sociais tratadas pela psicolinguística e pela sociolinguística” (BARDIN, 1977, p. 43). A análise de conteúdo, portanto, trabalha a palavra, ou seja, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. Traçando um paralelo com o exemplo da autora, podemos dizer que a linguística dita as regras de como se usa a língua, e a análise de conteúdo, por sua vez, busca entender os sujeitos e/ou o ambiente no qual estão inseridos num momento específico do tempo analisado, com a contribuição das partes que estão sendo observadas. Ou seja, a linguística é o estudo da língua, enquanto a análise de conteúdo busca entender demais realidades através das mensagens emitidas.

Entre as técnicas documentais descritas pela autora, destaca-se a análise temática, escolhida nesta pesquisa por permitir identificar os sentidos acionados nas matérias jornalísticas acerca da realidade social brasileira. Essa análise consiste em apontar temas de significação numa unidade previamente estabelecida. Ou seja, a análise de frases ou de trechos de matérias jornalísticas permite apreender a ou as imagens que podem se formar por meio dos veículos de comunicação analisados. Nessa perspectiva, procederemos com a identificação e contagem de temas de significação de acordo com a unidade previamente estabelecida, adotando frases como unidades de codificação. Ao pré-determinarmos uma frase, começamos a busca pelas palavras (códigos da frase) que formem uma unidade, e então contamos os itens repetidos para obtermos a informação para análise, categorizando-os segundo os acordos pré-estabelecidos de pesquisa.

Nesse sentido, como indica Bardin (1977), faremos a categorização da análise em três fases: 1) pré-análise; 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise configura-se como a coleta de materialidades e constituição do corpus que caracterizará o objeto de pesquisa, além da escolha dos indicadores que fundamentarão a interpretação desses dados. Ela foi realizada em três etapas: a) a construção das hipóteses e dos objetivos que nortearão a pesquisa b) a escolha dos documentos que serão analisados; e c) a definição dos indicadores que irão fundamentar a interpretação final dos dados.

Sendo assim, na perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (1997), este estudo monográfico definiu como objetos de pesquisa matérias publicadas em três jornais internacionais, veiculados em meio eletrônico, pertencentes aos maiores grupos de comunicação de seus respectivos países e que, por isso, poderiam possibilitar um olhar global sobre a divulgação acerca da realidade social do Brasil à época dos Jogos Olímpicos Rio 2016, são elas: 1) The New York Times, dos Estados Unidos, que possui cerca de 1 milhão e trezentos mil leitores por final de semana; 2) The Guardian, da Inglaterra, com 9 milhões de leitores, somando as versões impressas e *online* e 3) El País, da Espanha, com 500 mil leitores somente na Espanha. Essa escolha se justifica pela atuação intensa desses três veículos em nosso país. Importa dizer que o acesso à todas as reportagens, notícias e matérias coletadas deu-se em meio eletrônico, através da assinatura mensal dos jornais analisados até que se concluiu-se a coleta do corpus de pesquisa. A escolha do jornal estadunidense The New York Times ocorreu, no lugar do The Washington Post, em virtude do veículo de comunicação focar mais em questões sociais, enquanto o Post trazia apenas, em sua maioria, notícias esportivas. O jornal espanhol El País está entre os escolhidos pois é uma empresa muito próxima do Brasil, tendo uma sede própria no nosso país.

O primeiro indicio relevante que despertou o interesse por este tema de pesquisa ocorreu quando circulou, a partir do Jornal The New York Times, uma reportagem especial antes do início dos Jogos, que mostrava a situação da cidade do Rio de Janeiro e as particularidades que estavam ocorrendo no Brasil, que mostrava a situação precária de uma cidade e de um País que mostrava a situação precária que estava quando prestes a receber milhares de turistas de todo o mundo – além de registrar a vida de pessoas que viviam nas periferias do Rio de Janeiro. Em virtude dos Jogos Olímpicos por si só, a atenção da mídia internacional já seria naturalmente despertada. Levando-se em conta as crises política e financeira que o Brasil se encontrava à época, percebeu-se a possibilidade desse olhar jornalístico com viés mais social ganhar contornos ainda mais fortes.

Feito este recorte inicial, o próximo passo foi delimitar o período de análise de material divulgado antes e depois do megaevento. Assim, definimos nosso recorte temporal a partir de 1º de janeiro de 2016, pois essa antecedência nos permitiu verificar com maior amplitude as críticas e constatações propagadas pelos jornais escolhidos, antes da abertura das Olimpíadas Rio 2016. O recorte do período pré-Olímpico deu-se então, de 6 meses antes do início das Olimpíadas, no dia 05/08/2016. A contar desta segunda data, o período pós-Olímpico desta pesquisa compreende o dia 06/08/2016 até

21/09/2016, ou seja, logo após a Cerimônia de Abertura e trinta dias após a Cerimônia de Encerramento.

Após percorrermos essas três etapas, foi a hora de constituir o *corpus* de pesquisa, ou seja, o conjunto de documentos que foram submetidos ao trabalho de análise, definido segundo alguns critérios estabelecidos por Bardin (1977): regra da exaustividade (não se pode deixar nada de fora que seja pertinente à análise); regra da representatividade (é preciso fazer uma amostragem que represente o universo estudado); regra da homogeneidade (todos os documentos devem ter o mesmo padrão de coleta, a fim de serem analisados igualmente) e regra da pertinência (a fonte dos documentos deve ser adequada, ou seja, que corresponda ao objeto de análise).

Os objetivos, segundo Bardin (1977), são as finalidades gerais, para as quais o pesquisador se propõe a estudar. Sendo assim, a hipótese que este estudou levantou é se a realização dos Jogos Olímpicos foi capaz de provocar mudanças em relação à percepção da mídia internacional acerca da realidade social do Rio de Janeiro e do Brasil.

A referenciação de índices e a elaboração de indicadores é mais uma etapa primordial para a organização da pesquisa, onde buscamos enxergar, dentro do material coletado, quais serão as referências que poderão ser usadas como indicadores para organizar a análise. E, por último, a preparação do material. Seja formal, ou informalmente, a preparação do material separado para análise é importante para que se entenda onde será usado cada item coletado (BARDIN, 1977).

A fase posterior, do tratamento dos resultados e consequente interpretação, é a parte da pesquisa onde lapidam-se esses dados iniciais, indícios relevantes, que são correlacionados para que ganhem e ofereçam significado para esta pesquisa. Somente a partir dessa organização e seleção de dados e indícios é que se torna possível a elaboração de inferências, que retornarão sobre o objeto de pesquisa.

Bardin (1977) reserva parte da obra para falar sobre a codificação dos dados, ou seja, tratar o material coletado. Codificar implica em transformar o material, de acordo com regras pré-estabelecidas: dados brutos do texto, recorte, agregação e enumeração. Essa codificação é organizada em três partes, segundo Bardin (1977): o recorte (a escolha do que será analisado); a enumeração (definição de como será a contagem do material) e a classificação ou agregação (a escolha das categorias que serão depositadas o material coletado).

Como este estudo monográfico irá analisar conteúdo dos textos de jornais pré-definidos, iremos nos ater à explicação dos elementos do texto que devemos levar em



consideração na análise. O tema da pesquisa, construção da realidade social do Brasil por grandes jornais internacionais, é um primeiro recorte possível. É importante atentar para o fato de que o recorte “tema” é sempre de ordem semântica, enquanto que os demais ficam no nível linguístico, ou seja, a palavra e/ou a frase. (BARDIN, 1977, p. 107). A unidade de registro, é a categorização que versa sobre o segmento de conteúdo a considerar como “unidade de base”, em que se busca a categorização e a contagem por frequência. Para isso, temos, em cada categoria, unidades de base para identificarmos melhor as categorias analisadas.

Isto é, ao realizamos uma análise temática, estamos descobrindo núcleos de sentido, que formam uma comunicação e que se apoiam na frequência, ausência e/ou presença. Essas informações servem de base para as regras de enumeração, explicadas por Bardin (1997) como sendo o modo de contagem do material coletado. Presença, frequência e ausência são as medidas mais usadas em análises de conteúdo, e a contagem de cada amostra se dá em agrupamentos de elementos iguais.

Concluindo os passos propostos por Bardin (1977), e fazendo o recorte teórico da autora, a fim de nortear a metodologia de análise, podemos interpretar os resultados obtidos para respondermos a pergunta-problema deste estudo e alcançarmos os objetivos propostos. A seguir, seguimos com a análise do material propriamente dita.

#### 4.2 Análise do Objeto

No processo inicial da nossa pesquisa, o que Bardin (1977) denomina pré-análise, foram encontradas 114 reportagens, matérias e notícias que retratavam a realidade social do Brasil, no período pré e pós Jogos Olímpicos, entre 01/01/2016 e 21/09/2016. Dessas, 87 atendiam aos critérios estabelecidos inicialmente nessa pesquisa – excertos sobre Desigualdade Social, Segurança e Violência, Corrupção e Crise Financeira, Saúde Pública, Crise Política e Legado Olímpico – e por isso foram selecionadas para serem exploradas de maneira mais profunda. Nesse processo de seleção, excluíram-se as matérias publicadas em vídeo, uma vez que definimos como objeto o material jornalístico textual, além das que fugiam do tema desta pesquisa. Assim, chegamos um *corpus* composto por 21 publicações do jornal *The New York Times* (23,59%), 40 do jornal *The Guardian* (44,94%) e 26 advindas do jornal *El País* (29,21%).

Devemos ressaltar que o jornal *The Guardian*, que publicou o maior número de notícias do período, é parceiro do jornal brasileiro Folha de São Paulo. O jornal *El País*,

por sua vez, também com um alto número de reportagens, possui filial no Brasil e produz conteúdo exclusivo para o nosso país. Importa dizer que todas as reportagens, matérias e notícias veiculadas no *El País* foram traduzidas para o português e também veiculadas na parte brasileira do jornal *online*. Conforme dito, a pesquisa separa a análise em antes e depois dos Jogos Olímpicos Rio 2016, compreendendo dois períodos, o primeiro, de 01/01/2016 à 05/08/2016 (data da Cerimônia de Abertura), e o segundo, de 06/08/2016 à 21/09/2016 (logo após o término da Cerimônia de Abertura e um mês após a Cerimônia de Encerramento da Rio 2016).

Conforme Bardin (1977), para uma análise de conteúdo que envolva texto, é preciso separar categorias, agrupamentos de aspectos semelhantes encontrados, a fim de que seja possível identificar aspectos comuns ou ausências no conteúdo catalogado. Após a leitura de todas as reportagens, matérias e notícias veiculadas nos três jornais definidos, identificamos sete categorias que possuíam conteúdos semelhantes e que retratavam a realidade social brasileira. No mapeamento das reportagens, vimos que questões sobre obras estruturais para as Olimpíadas, corrupção envolvendo os Jogos, questões de saúde pública, segurança e violência, poderiam ser agrupadas em categorias para análise posterior.

Sendo assim, esta pesquisa delimitou seis categorias que são muito presentes em todas as matérias analisadas: Desigualdade Social, Economia, Legado Olímpico, Saúde Pública, Corrupção/Crise Política e Violência/Segurança.

Desse modo, definimos as categorias como:

- 1) Desigualdade Social: trechos que exemplificam a riqueza de uma parte da população comparada a pobreza das periferias do Rio de Janeiro e do Brasil. A categoria também aborda o tratamento que o governo e a organização dos Jogos conferiram às famílias mais pobres em relação às obras para adequação da cidade na recepção das Olimpíadas. Unidades de base: desigualdade, riqueza/pobreza, periféricas/favela, bairro nobre, famílias.
- 2) Economia: aqui serão encontrados os trechos que tratam especificamente das questões financeiras do Brasil e do Rio de Janeiro. Por estarmos falando de um assunto bem específico, as palavras chaves selecionadas para compor a categoria são: fraude, corrupção, dinheiro, empréstimo emergencial, prejuízo, crise financeira, economia, crescimento econômico, altos gastos, recessão e orçamento.

- 3) Legado Olímpico: este agrupamento diz respeito a todos os trechos encontrados que falam sobre qualquer tipo de obra de infraestrutura que precisou ser feita em virtude dos Jogos Olímpicos. Aqui também se encontram questões ambientais que necessitavam de obras/construções para serem resolvidas. Sendo assim, as palavras chave escolhidas foram: contaminação da água, sistema de esgoto, metrô/MetrôRio, mobilidade urbana, arenas Olímpicas, estádio, Vila Olímpica, trânsito, legado, obras, Parque Olímpico e revitalização do centro.
- 4) Saúde Pública: em virtude de o Brasil ter sido atingido por uma pandemia de zica vírus, este assunto desdobrou-se em uma categoria que engloba uma série de aspectos que afetam a saúde pública da população e dos atletas Olímpicos. Foram separadas as seguintes palavras-chave a fim de unificar o conteúdo desta categoria: zica vírus, realocação dos jogos, pandemia, microcefalia, infecção e doenças.
- 5) Corrupção/Crise Política: o Brasil passava por um delicado momento político quando os jogos se aproximavam de seu início. Foram inúmeros escândalos políticos somados ao *impeachment* da então presidente, Dilma Rousseff. Isso resultou em diversas reportagens retratando a situação política do Brasil. Portanto, nesta categoria, as palavras-chave são: Dilma Rousseff, *impeachment*, manipulação, violação da lei fiscal, partido político, PT, PMDB, escândalo de corrupção, governo federal e estadual, Michel Temer, Lula, Lava Jato e classe política.
- 6) Violência e Segurança: por fim, a última categoria, aborda questões relacionadas à violência e à segurança no Brasil, mas, em especial no Rio de Janeiro - apontada como uma das cidades mais violentas do mundo. Também entendemos que, por ser um problema sistêmico no Brasil, necessitava de atenção especial tanto da mídia, quanto desta pesquisa. As palavras-chave selecionadas foram: violência, segurança (e a falta de), Programas de UPP [Unidade de Polícia Pacificadora], polícia, assassinato, roubo, crimes, policial militar, população vulnerável, tráfico de drogas, favelas e mortes.

Essas categorias guiarão nossa análise nos dois momentos estabelecidos, garantindo assim a padronização na observação e análise das informações coletadas. Para seguir uma lógica, iniciaremos nossa exploração no material coletado no período que

antecede a realização dos Jogos Olímpicos. É importante frisar que nossas amostras se referem a trechos das reportagens escolhidas, que melhor se encaixam nas categorias criadas. Isso acontece em virtude de uma mesma reportagem ser atravessada por diversos assuntos categorizados.

#### 4.2.1 *Antes da Rio 2016*

Antes de adentrarmos na análise das categorias supracitadas, devemos mencionar que a maioria das reportagens, matérias e notícias jornalísticas que trazem à tona questões relacionadas à realidade social brasileira, especificamente 49 de 87, foram publicadas no período anterior aos Jogos Olímpicos (11, no *The New York Times*, 25, no *The Guardian* e 13, no *El País*). O material coletado é composto por 19 excertos da categoria “Desigualdade Social”; 20 referem-se à “Economia”; 34, à categoria “Legado Olímpico”; 22 estão relacionados à “Corrupção/Crise Política” e, por fim, 18, à “Violência e Segurança”. Estabelecemos uma ordem de análise, por categorias, por entendermos que elas estão interligadas, e uma deságua na seguinte, na sequência dos fatos analisados neste estudo monográfico.

##### 4.2.1.1 Categoria Desigualdade Social

Na categoria Desigualdade Social foram agrupados os fragmentos de texto que retratam a diferença social presente no Brasil e suas consequências, em especial quando em relação a um megaevento, que custou milhões de reais para a população. Esses excertos reforçam a ideia de que existe uma minoria privilegiada, frente a uma massa da população carente, sem acesso a recursos básicos para viver e sem acesso ao espetáculo dos Jogos Olímpicos, pagos com dinheiro público.

Nesta categoria, não tivemos excertos do jornal espanhol *El País*. Foram coletados 5 excertos do jornal *The New York Times* e 14 do *The Guardian*. Aqui, vários excertos abordam a questão de como é a vida nas favelas do Rio de Janeiro, enfatizando que famílias de comunidades carentes tiveram que deixar suas residências em virtude dos Jogos, uma vez que ali seriam construídas as estruturas necessárias para a realização desses – constituindo o que é definido como legado dos Jogos. Os excertos selecionados destacam a remoção das famílias menos favorecidas financeiramente, (sem que essas tenham sido informadas com precisão para onde seriam realocadas) e como se deu esse

processo. Foram utilizadas as palavras e expressões “famílias foram expulsas”, “abrigos imundos”, “limpar as calçadas (dos moradores de rua)”, “casa demolida”; e destaca-se o recurso das entrevistas com habitantes locais. Essas são estratégias de fala que ajudam na construção de sentido e, quando acionadas desta forma e repetidamente, ajudam a formar a imagem de um governo que não traçou um plano de realocação para as famílias e para a população mais carente, afetada pelas construções dos Jogos Olímpicos. Nesse sentido, conforme Sousa e Fortuna (2016), os megaeventos do Rio de Janeiro criaram lugares dos “sonhos”, ao passo que deixaram diversas áreas da cidade com “mazelas” – sobretudo para a população mais pobre.

Outras reportagens demonstram o que as autoras estão dizendo, no entanto sob outro aspecto, fazendo a comparação entre os moradores de favelas e os moradores de bairros nobres. Aqui, a percepção é a de que existe a preocupação em criar novos e bonitos espaços para os mais ricos, (como por exemplo, as construções da Barra da Tijuca); frente à falta de cuidado e planejamento com a população da favela, que praticamente não teve acesso aos Jogos Olímpicos. Para exemplificar essa ideia, apresentamos os fragmentos de texto a seguir:

De acordo com o relatório lançado em novembro, o por um grupo de advogados que está monitorando a preparação para as Olimpíadas, ao menos 4.120 famílias foram expulsas de suas casas por causa dos Jogos.  
(NY Times, 03/06/2016, tradução nossa)

Pessoas sem teto do Rio me disseram que policiais estão forçando elas a irem para abrigos imundos, a fim de começar a ‘limpar’ as calçadas e ruas antes do alto fluxo de visitantes’  
(NY Times, 03/06/2016, tradução nossa)

[...] em outro extremo, está a estimativa de que o Rio moveu 22.100 famílias (compostas por 3,5 pessoas em média) em 2015, 20.200 famílias em 2014, 19.200 em 2013 e mais de 10 mil famílias antes disso. Esse é o cálculo de Lena Azevedo e Lucas Faullhaber no livro ‘Remoções do Rio Olímpico’  
(The Guardian, 19/06/2016, tradução nossa)

‘Nossa comunidade se perdeu. Nós estamos vivendo em *containers* enquanto as novas casas estão sendo construídas’, diz Maria da Penha, membro proeminente da comunidade Vila Autódromo, que resistiu contra a realocação até que teve sua casa demolida. ‘As Olimpíadas são muito ruins – isso não é legado’[...].  
(The Guardian, 19/06/2016, tradução nossa)

80% dos investimentos foram feitos no bairro rico da Barra da Tijuca, conhecido como a Miami do Rio. Um campo olímpico foi instalado ali, dentro de uma Área de Proteção Ambiental. A cidade já possui dois grandes campos de golfe, e pouquíssimos brasileiros jogam golfe.  
(NY Times, 03/07/2016, tradução nossa)

Apesar da natureza inflacionada e alargada as Olimpíadas Modernas, os Jogos do Rio possuem um coração geograficamente evidente na Barra da Tijuca/Distrito de Jacarepaguá, no lado oeste da cidade. Menos claro é se esta localização – onde estão a vila dos atletas, o Parque Olímpico e o Campo Olímpico de Golf – foi escolhida para impulsionar e beneficiar a economia da cidade inteira, ou apenas de uma elite saudável da cidade.  
(The Guardian, 19/07/2016, tradução nossa)

Até mesmo cidades-sede enfrentam controvérsias na construção de um megaevento, mas a combinação de recessão, falta de segurança, a epidemia do zika, *impeachment* da presidente, cortes de verba no orçamento, atrasos nas obras de infraestrutura, escândalos ambientais, a expulsão de pessoas de suas casas e a gentrificação, criaram danos sérios à imagem do Brasil e do Rio.  
(The Guardian, 13/05/2016, tradução nossa)

Os Jogos vão seguir, com certeza, e para que aqueles que assistirão pela TV, será um espetáculo esplêndido. A maior parte dos Jogos vai ocorrer em uma espécie de ‘bolha’, separada dos problemas da cidade. Mas, após o término dos Jogos em 21 de agosto [...], a maioria das pessoas terá que seguir em frente. As pessoas do Rio serão deixadas pra trás para juntarem seus pedaços.  
(NY Times, 01/06/2016, tradução nossa)

A afirmação, por parte do Jornal *The New York Times* que os Jogos ocorrerão numa espécie de bolha, marca a diferença social que existe no Brasil. O contraste entre espetáculo e o que ficará após seu término, reforça a ideia de que as obras e dinheiro investidos são para visitantes Olímpicos, não uma preocupação social do Estado. O único contraponto a essa ideia de segregação da população menos abastada, sobretudo da periferia do Rio de Janeiro, é feito pela fala do então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, conforme os trechos abaixo:

O Prefeito - um político muda-forma que esteve em cinco partidos diferentes, incluindo o Partido Verde, o dos trabalhadores, e atualmente, o centro-direita Partido da Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) que é o do atual presidente interino Michel Temer- também refuta alegações que falam que os investimentos dos Jogos Olímpicos estão somente na parte mais rica da cidade. ‘É insano dizer que não tivemos investimentos nas áreas pobres’, ele diz. ‘Se as pessoas dizem isso, é porque elas não conhecem a geografia [da cidade]’  
(The Guardian, 11/07/2016, tradução nossa)

Paes afirma que 75% dos investimentos da cidade no geral vai para as áreas pobres do norte e do oeste do Rio, pois é ‘de lá que vem os meus votos’. O montante de 331 novas escolas e 90 novas clínicas nessas áreas, ele diz, assim como a maioria das novas avenidas, irão reduzir o tempo para as pessoas que vivem nas favelas e trabalham na rica zona sul da cidade.  
(The Guardian, 11/07/2016, tradução nossa)

Rio, cujos níveis de desigualdade, habitação temporária e pobreza excedem os de Atlanta em algum modo, não teve o luxo de “greves cirúrgicas” nas marginais. Operando nessas condições, a cidade há muito aprendeu a ignorar os pobres. As favelas raramente são incluídas nos mapas oficiais.  
(The Guardian, 26/07/2016, tradução nossa)

Essas falas, acionadas às notícias acerca da corrupção e das questões políticas que veiculavam no Brasil naquela época, levam à construção de uma imagem que pode ser considerada destoante da realidade, pois é colocada por uma autoridade pública e distinta daquela colocada pela população entrevistada pelos jornais. A divergência das falas aponta para a visão distorcida por parte da administração pública – que é também desacreditada, conforme mencionamos na categoria anterior. Além disso, pode-se dizer ainda que leva a crer no fato de que o governo não ouve a população que mais precisa de assistência. As falas que trazem as ideias de desigualdade social, repetidas diversas vezes, podem reforçar uma noção de construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1996), amparada na ideia de que há uma nítida separação entre as “pessoas da favela” e “pessoas do bairro Barra da Tijuca” (por exemplo). Essa separação reforça uma linha invisível que divide o Rio de Janeiro, e que pode ser ampliada para o Brasil, criando a imagem de um país marcado pela desigualdade social.

Por outro lado, uma das reportagens tornou visível essa separação por meio de uma forte mensagem imagética, que mostra a construção de um muro separando a favela do Complexo da Maré e a marginal que levava ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, conforme abaixo:

Semana passada, a cidade começou a adesivar o muro de 3 metros de altura e 7 km de largura, com painéis alusivos aos Jogos Olímpicos, com custo de R\$2000 reais. ‘Não é para esconder a favela’ diz o Secretário de Turismo ao jornal Folha de São Paulo. ‘É para decorar a cidade para entrarmos no espírito Olímpico’  
(The Guardian, 16/07/2016, tradução nossa)



Figura 1: Muro que separa o Complexo da Maré sendo adesivado com posters alusivos aos Jogos Olímpicos.

Créditos: Ricardo Moraes (Agência Reuters)

#### 4.2.1.2 Categoria Economia

A categoria Economia pode ser associada diretamente à categoria “Desigualdade Social”, pois aparece como justificativa a quase todas as questões relativas à falta de assistência à população carente e reforça as desigualdades sociais. De acordo com o jornal *The Guardian*, a corrupção é o fator necessário para criar o abismo social entre os mais ricos e os mais pobres, quando tira da população carente as verbas destinadas à melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Nesta categoria, também não há amostras do jornal *El País*. Foram coletados 13 fragmentos de texto do Jornal *The New York Times* e 7, do Jornal *The Guardian*. Todos os excertos enfatizam o fato de que os Jogos Olímpicos aconteceram sob escândalos de corrupção e forte crise financeira, muito ligados à organização dos Jogos e às obras necessárias para a realização do megaevento. O governo do Rio de Janeiro (municipal e estadual) também foi fortemente criticado em virtude dos diversos escândalos envolvidos.

Os trechos das reportagens e matérias selecionadas de antes do início dos Jogos Olímpicos, levam à percepção de que o Brasil é um país que não tem condições



financeiras e estruturais para receber um megaevento da magnitude dos Jogos Olímpicos, em virtude da corrupção instaurada, sistemicamente, no Rio de Janeiro e no País. Essa situação é ilustrada pelos exemplos de crise financeira e colapso nos vários sistemas do Rio. O fato do estado ter declarado “situação de calamidade pública” também foi lembrado. O que mais marca esses sentidos acionados na criação das imagens de que o Brasil (e o Rio de Janeiro) é um país corrupto, está ilustrado abaixo:

Aqui no Rio, o Sr. Paes enfatiza que as finanças da cidade estão em melhor forma do que as do Estado. Ainda assim, sua administração enfrenta acusações de fraude em alguns projetos das Olimpíadas, guiadas pelo acidente de abril, quando uma ciclovia que foi construída na costa do mar caiu  
(NY Times, 22/04/2016, tradução nossa)

O partido deles (governo do estado e da cidade), conhecido como PMDB também está sendo atacado com acusações de má administração e corrupção envolvendo as Olimpíadas.  
(NY Times, 22/05/2016, tradução nossa)

O desastre fiscal pode ser atribuído a muitos fatores, incluindo uma crise econômica nacional, mas o inchaço da folha de pagamento do governo e os gastos imprudentes com as Olimpíadas, são causas mais prováveis.  
(NY Times, 03/07/2016, tradução nossa)

Sr. Paes se orgulha das finanças do Rio estarem em ótima forma, apesar do custo de preparação para as Olimpíadas, mas o estado do Rio de Janeiro, que é responsável por despoluir a água, recentemente declarou estado de calamidade pública, em uma tacada para receber mais dinheiro do governo federal.  
(NY Times, 18/06/2016, tradução nossa)

Na última semana, o governador do estado do Rio de Janeiro declarou estado de ‘calamidade pública’ – uma declaração feita, geralmente, quando ocorre um desastre natural – alegando essencialmente que o estado está quebrado e que poderia ser incapaz de honrar com seu compromisso com as Olimpíadas, sem ajuda. O governo federal apoiou com um empréstimo emergencial de \$850 milhões de dólares, e um montante disso será usado para terminar a nova linha do metrô.  
(NY Times, 24/06/2016, tradução nossa)

Cidade e Estado do Rio de Janeiro estão quebrados – e o governo federal não está em boa forma também. Professores e policiais tiveram seus pagamentos atrasados. Os tão louvados programas sociais foram cortados. A inflação está em ascensão.  
(NY Times, 24/06/2016, tradução nossa)

Quarenta e nove dias antes da abertura das Olimpíadas, o governador do Rio de Janeiro declarou estado de calamidade pública, pedindo apoio financeiro ao governo federal afim de que se evitasse um colapso total na segurança pública, saúde, educação, transporte e questões ambientais.  
(The Guardian, 27/07/2016, tradução nossa)

Da mesma maneira que são colocadas falas feitas pelo ex-prefeito do Rio, com a ideia de que tudo está pronto para as Olimpíadas Rio 2016, existem excertos que destacam o pedido de calamidade pública realizado pelo Governo do Rio, num claro exemplo de como os poderes que regem o Brasil são discrepantes e não se relacionam entre si.

#### 4.2.1.3 Categoria Legado Olímpico

A categoria Legado, apresentou 34 excertos, distribuídos da seguinte maneira: Nenhum excerto proveniente do *El País*, 12 trechos provenientes do jornal *The New York Times* e 24, do jornal *The Guardian*. Deve-se destacar que, nesse jornal, foram publicadas reportagens especiais e extensas que relatavam com detalhes a preparação do Rio para as Olimpíadas. O Legado também é o resultado de uma série de problemas já retratados: desigualdade social, mau uso do dinheiro público, corrupção, crise financeira e etc. Os excertos relativos ao legado Olímpico falam das obras de infraestrutura, estádios, arenas, estradas, mobilidade, despoluição da Baía de Guanabara e outras questões relacionadas a preparação do país e do Rio de Janeiro para receber os milhares de turistas que viriam para os Jogos.

Os gastos exorbitantes para a construção do legado (instalações Olímpicas e adequações necessárias de mobilidade, despoluição, Vila Olímpica e demais estruturas requeridas para receber os Jogos) viraram notícia por estarem, geralmente, ligados a pontos em comum: a corrupção envolvida nas obras, a crise financeira e o custo alto dos Jogos para a administração pública do Brasil.

Uma das questões mais reportadas antes do início dos Jogos Olímpicos Rio 2016 foi a poluição da Baía, local em que foram realizadas as provas aquáticas. O fato gerou ainda maior repercussão, porque a organização não conseguiu despoluir, como combinado no Plano Legado; o que colocava em risco a saúde dos atletas. Associar tais questões ambientais à saúde e vida dos atletas, afeta diretamente a imagem do Rio enquanto cidade-sede que se prepara para receber o megaevento, em virtude de denotar descaso e despreparo na administração dos Jogos e do Rio (e por consequência, do Brasil) em receber os visitantes e os atletas.

Além disso, a mobilidade urbana foi bastante questionada. A cidade é considerada uma das mais congestionadas do mundo e por isso, obras de mobilidade eram requeridas desde muito antes das Olimpíadas. Podemos dizer que essa questão tenha motivado

pautas recorrentes nos jornais. As críticas do jornal estadunidense *The New York Times* foram mais severas, quando em comparação ao jornal de *The Guardian*, pois usaram adjetivos pejorativos quando em referência à administração do futuro legado pelo Brasil, além das críticas que se dirigiam diretamente aos trabalhadores e/ou brasileiros em geral, como vemos nos exemplos a seguir:

É isso que, de fato, a Baía de Guanabara é. Garrafas de refrigerante, sacolas plásticas e carcaças de ratos flutuam acima do lodo e da água marrom. Abaixo, um coquetel tóxico de vírus e bactérias, resistentes aos medicamentos. Vários locais para as competições Olímpicas aquáticas estão inundadas com esgoto. Todos os dias, cerca de 169 milhões de galões de fezes humanas não tratadas vão para a Baía, onde as competições de vela e windsurfe Olímpicos ocorrerão. (NY Times, 18/07/2016, tradução nossa)

Como foi mundialmente reportado, a Baía continua poluída, e com o governo desistindo, essencialmente, de limpar; eles simplesmente não possuem dinheiro para isso. (NY Times, 24/06/2016, tradução nossa)

Eu fui no Rio recentemente para ver como as preparações dos Jogos estão indo. *Spoiler*: nada bem. A cidade está um grande canteiro de obras. Tijolos e tubos estão empilhados por todo o lado; e alguns poucos trabalhadores preguiçosamente empurram carrinhos de obras, como se os Jogos fossem agendados para 2017. (NY Times, 03/07/2016, tradução nossa)

O Estado do Rio é responsável pela obra de extensão do MetrôRio, que já está muito atrasada, deve terminar apenas alguns dias antes do início dos Jogos, quando será necessário melhorar o geralmente ruim tráfego para a Barra da Tijuca, onde fica a Vila Olímpica e o Parque Olímpico. (trecho extraído do Jornal *The Guardian*, 17/06//2016, tradução nossa)

Talvez o melhor exemplo de problemas na infraestrutura Olímpica do Rio, é a nova linha de metrô com 10 km, que irá conectar os hotéis de Ipanema e Copacabana, com o oeste da Barra da Tijuca, onde foi construído o Parque Olímpico. Isso irá cortar o tempo de trânsito em 1h de carro – em um bom dia – para menos de 30 minutos. [...] O custo cresceu em \$2.8 bilhões de dólares, depois de ter sido estimado inicialmente em \$1.6 bilhão. Existem sérios questionamentos se haverá tempo suficiente para testar apropriadamente a nova linha, antes de colocá-la para uso do público” (NY Times, 24/06//2016, tradução nossa)

Eduardo Paes, o prefeito bilíngue do Rio, que será o rosto político dos Jogos no próximo mês, anunciou inicialmente o programa [Morar Carioca]. Em 2010, ele disse que graças a ‘inspiração Olímpica’, o ‘Morar Carioca’ seria um legado-chave dos Jogos. Em um *TED Talk*, ele gabou-se que teria as favelas do Rio completamente urbanizadas em 2020. [...] O programa envolvia melhorar o sistema de esgoto das favelas, o acesso a água, pavimentação de estradas e melhorar a iluminação pública (NY Times, 18/07/2016, tradução nossa)

Além de apontar as falhas visíveis aos olhos nas obras para o legado e os problemas com os programas habitacionais do Rio, os fragmentos de texto selecionados

também retrataram a discrepância entre a visão acerca da população mais carente e a da classe política do Brasil:

Para os políticos, as Olimpíadas podem ser maravilhosas. Mas para a população em geral, esses megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas são ruins. Eles tiram as pessoas das suas casas, desencadeia uma série de investimentos públicos que não são necessários. Nós temos diversos estádios vazios, que não são usados desde a Copa... Esses não são eventos para a população brasileira – o custo é muito alto  
(The Guardian, 27/04/2016, tradução nossa)

Fica evidente que as categorias se entrelaçam e se conversam entre si, pois estamos falando de um mesmo megaevento que conecta as categorias colocadas. Ao abordar, simultaneamente, obras públicas, mobilidade, remoção de famílias, poluição da Baía de Guanabara – e os possíveis problemas de saúde – bem como a visão distorcida da classe política, a categoria Legado acaba convergindo diversos assuntos, porém todos com vistas às obras públicas do Plano Legado. A falta de capacidade gerencial sobre as obras reportada nos excertos acima destacados, ajuda na construção da imagem de um Brasil que não consegue administrar suas finanças e suas questões sociais. Isso possibilita o entendimento que existe a conotação no texto, de que foi realizada uma escolha equivocada para a cidade-sede dos Jogos 2016. Tais dados e informações reforçavam o sentido de que o Brasil não estava apto a receber o maior evento esportivo do mundo, uma vez que não conseguia preparar a cidade-sede em condições saudáveis em relação às finanças do país e ao cuidado da população mais carente.

#### 4.2.1.4 Categoria Saúde Pública

Os problemas com infraestrutura e legado reportam diretamente a questões de saúde pública, em virtude do fato de que nosso país possui uma saúde muito precária (fato noticiado pelos jornais), passando por um delicado momento, com a ocorrência da epidemia zica vírus, além de não possuir as instalações necessárias para receber os milhares de visitantes. Juntas, as categorias de legado e saúde pública ajudam a criar o sentido de descaso com a saúde da população brasileira e também com os visitantes de diversas localidades, e atletas que precisariam se sujeitar a tais condições precárias durante a competição Olímpica.

Em relação ao número de excertos encontrados nesta categoria, temos doze fragmentos de reportagens do *The New York Times* e seis do britânico *The Guardian*. Os

excertos selecionados continham informações sobre os problemas de saúde, pandemia de zica vírus, doenças contagiosas através da poluição da Baía da Guanabara, falta de saneamento básico para a população mais pobre e até a quantidade de preservativos distribuídos para os Jogos Rio 2016. A ideia de que é necessário criar um plano de ação para manter os atletas e Comissão Olímpica a salvo, nos mostra duas possibilidades de interpretação: a primeira é a ideia de que o governo, assim como o Comitê Olímpico, não avalia os riscos e o cuidado com a saúde dos moradores locais, mais suscetíveis à contaminação do zica.

Contudo, em paralelo a isso, existia uma força tarefa por parte dos organizadores de minimizar os problemas descritos pelos jornais, como parte de uma estratégia de não desanimar o mundo em relação à possível vinda de turistas para os Jogos:

Os veleiros, nadadores e remadores estão suscetíveis a ‘doenças respiratórias e digestivas’, incluindo diarreia e vômito, o que pode resultar em doenças agudas no coração e no cérebro, revela o relatório [quando em contato com a Baía de Guanabara]. Os atletas também enfrentam o risco de contrair hepatite A  
(NY Times, 18/07/2016, tradução nossa)

O zica vírus é conhecido por ser não letal, mas foi associado a paralisia temporária e microcefalia, uma condição em que bebês nascem com cabeças menores e cérebros com danos. Acredita-se que 1.5 milhão de pessoas no Brasil contraíram o vírus, que também pode ser transmitido por relações sexuais, os pesquisadores sugerem que ele chegou no Brasil durante outro megaevento esportivo: A Copa do Mundo de 2014.  
(NY Times, 02/03/2016, tradução nossa)

Na quarta, oficiais do Comitê Olímpico Internacional se reuniram a portas fechadas para discutir o potencial de afetação do vírus sobre os Jogos, bem como outras preocupações que o Rio enfrenta para entregar a promessa feita em 2009 de se tornar a primeira cidade latino-americana a sediar uma edição de Jogos Olímpicos [...] além de avaliar os riscos do zica e [...] como manter os atletas e comissão olímpica a salvo.  
(NY Times, 02/03/2016, tradução nossa)

Com apenas cinco meses faltando para os Jogos, os organizadores da Olimpíadas do Rio estão tentando diminuir as preocupações de várias frentes, incluindo a crescente crença de que os receios acerca da zica irão aumentar muito a procura por tratamento e aumentar a ansiedade dos atletas.”  
(NY Times, 02/03/2016, tradução nossa)

Dessa forma, apesar das diversas reportagens veiculadas sobre o zica vírus e o perigo que ele transmite, e das questões de saúde pública divulgadas, houve uma espécie de respiro positivo para o Brasil, enquanto país-sede de uma “grande festa Olímpica”:

“São as Olimpíadas, e a população envolvida está envolvida em pensar positivamente. Sendo assim, não há nenhum jeito do zica estragar a festa deles”  
(NY Times, 04/03/2016, tradução nossa)

Existe um risco ‘muito baixo’ do zica vírus se espalhar pelo mundo em virtude das Olimpíadas do Rio, conclui o comitê emergencial da Organização Mundial da Saúde. O painel avaliou informações e pesquisas sobre o risco de doenças transmitidas por mosquitos, em especial do zica, espalhadas através de viagens internacionais e encontros massivos de pessoas.  
(The Guardian, 14/06/2016, tradução nossa)

Além disso, uma reportagem em especial abordou um aspecto diferente dos Jogos Rio 2016: a quantidade de preservativos distribuídos para os atletas. Em determinado contexto, isso deixa explícito que os Jogos Olímpicos Rio 2016, bem como o Brasil, possuem a característica de ter uma sociedade promiscua, por ter um Comitê Olímpico Internacional que se preocupa em distribuir a maior quantidade de preservativos de todas as edições de jogos da Era Moderna. Isso, somado às questões de saúde precárias do país, reforça a imagem de um país dito de terceiro mundo e enfatizando que é o primeiro da América Latina a receber um evento tão midiático e tão elitizado quanto os Jogos Olímpicos:

17 dias, 10.500 atletas, 33 locais de prova, e 450.000 preservativos. Essa é a quantidade de camisinhas [...] que está sendo distribuída pelo Comitê Olímpico Internacional para os Jogos Olímpicos do Rio 2016. 42 por atleta, para ser específico, o que, até para os padrões Olímpicos, é muita coisa.  
(The Guardian, 18/07/2016, tradução nossa)

Bem-vindos às Olimpíadas mais promiscuas da história. A provisão de 350.000 preservativos, 100.000 preservativos femininos e 175.000 tubos de lubrificantes para a Vila Olímpica do Rio – o mix habitual de atletas, preservativos, compras, bares, clubes e McDonalds, é três vezes maior do que o subsídio de 150.000 preservativos distribuídos na Londres 2012, que foram considerados pelos jornais os ‘jogos mais sexuais de todos’  
(The Guardian, 18/07/2016, tradução nossa)

O uso da expressão “Olimpíadas mais promíscuas da história” reforça a imagem que é conhecida mundialmente, de um país conhecido por uma cultura de carnaval, futebol, “belas mulheres”, “mulatas”, sexualidade e sensualidade, marcado pela escravidão e por ser um país subdesenvolvido. Ao veicular uma reportagem com este tom e essas expressões, o jornal britânico *The Guardian* confere mais força à uma única imagem que é mundialmente (e erroneamente) divulgada sobre o Brasil. Esse reforço no discurso, além de ser uma característica da construção de sentido (a repetição), propaga a mensagem de um Brasil marginalizado à sociedade mundial.

Esses “altos e baixos” publicados, fazem com que os jornais veiculem um temor prévio à vinda ao Brasil, alertando aos possíveis visitantes, por meio de suas matérias e reportagens, os perigos de virem ao nosso país. É como se o jornal atuasse como uma espécie de conselheiro aos seus leitores: ao mesmo tempo que fala de todos os perigos à

saúde da população existentes à época dos Jogos, traz a questão do Brasil ser capaz de passar por tudo isso e conseguir fazer uma boa edição dos Jogos que foram os primeiros a acontecerem na América Latina.

#### 4.2.1.5 Categoria Corrupção/Crise Política

Esta categoria aparece como importante em virtude de o Brasil, à época, estar passando por uma crise política que levou ao *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff. Essa questão também é associada aos problemas econômicos do País, bem como os de violência, saúde, desigualdade social e problemas estruturais com o Legado Olímpico. Nesta categoria obtemos o total 19 excertos, distribuídos da seguinte forma: 4 do Jornal *The New York Times*, 11 do Jornal *The Guardian* e 4 do Jornal *El País*.

O fato de o país ser representado como um lugar assolado por corrupção, denota a desorganização sumária que comanda o Brasil e, o fato de os governantes serem nomeados junto de seus envolvimento com corrupção é apontado como vergonhoso para um país que iria receber o maior evento esportivo do mundo. O uso da estratégia de repetição de nomes envolvidos reforça que os principais políticos que regem o país estão sob suspeita. Também implica no entendimento subjetivo de que no Brasil não existe “uma política honesta”, como trazem os excertos. Essa união de ideias e representações transmite a imagem de um país despreparado para tal evento, além de reforçar as críticas quando ao fato de sermos o primeiro país latino americano a sediar os Jogos Olímpicos.

O Brasil, é claro, está sob uma grande crise política. A Presidente, Dilma Rousseff, foi forçada a deixar o cargo no dia 12 de maio, por alegações que indicam que ela manipulou o orçamento do estado. O tumor político paralisou o país e congelou a economia.  
(NY Times, 01/07/2016, tradução nossa)

Os Jogos começam em seis semanas, mas ninguém está festejando [...]. Um grande escândalo de corrupção que começou com a gigante do petróleo Petrobrás, resultou na exposição de dezenas, se não centenas, de políticos do alto escalão e membros da elite de negócios. A sucessora de Lula, Dilma Rousseff, está sofrendo *impeachment* por encobrir furos no orçamento do estado de maneira ilegal. (No entanto, ela não está conectada com grandes escândalos, apesar de já ter sentado na cadeira de *chairman* da Petrobrás). Lula, por sua vez, está sob investigação.  
(NY Times, 01/07/2016, tradução nossa)

A Presidenta suspensa do Brasil, Dilma Rousseff não irá participar da Cerimônia de Abertura dos Jogos [...], e Temer, seu sucessor, irá declarar os Jogos Abertos em 5 de agosto.  
(The Guardian, 26/06/2016, tradução nossa)

Enquanto isso, a presidente do país, Dilma Rousseff, está à beira do *impeachment*. Mas, ao contrário dos protestos que varreram o país durante a Copa das Confederações em 2013, essa não é uma revolta populista. Em meio a uma reivindicação e contestação de raiva, seus partidários criticaram o processo como um golpe destinado a remover seu governo de esquerda do poder a favor do estabelecimento.

(The Guardian, 26/04/2016, tradução nossa)

Esta poderia ter sido a semana em que o Brasil foi coroado no clube dos grandes poderes: próspero, próspero, capaz de organizar os Jogos Olímpicos que começam hoje. Quando o Rio de Janeiro recebeu a ordem, há sete anos, [...], o trem do Brasil avançou de forma imparável: [...] com um governo de esquerda estável que levantou 45 milhões de pessoas da pobreza. Nada parecia dar errado, como confirmado pelo fato de que a empresa estatal Petrobras descobriu na costa de São Paulo um importante campo de petróleo e gás natural que levou o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva a recordar o ditado nacional de que "Deus é Brasileiro". Mesmo que fosse, não poderia fazer nada diante da crise global ou da capacidade proverbial dos brasileiros para se abaterem e mergulhar a inclinação do derrotismo.

(El País, 05/08/2016, tradução nossa)

Os excertos acima traçam um breve paralelo dos últimos anos acerca da política brasileira, e a grande maioria aponta para o processo de *impeachment* que estava vigorando logo antes do início dos Jogos Rio 2016. Ao dizer, antes mesmo da Cerimônia de Abertura, que o clima não é mais de festa no Brasil, constrói-se o sentido de país sem clima e capacidade para receber o megaevento que viria pela frente. A constante associação de nomes, sumariamente do governo federal, também fortalece a imagem de que o país passa por essa crise em virtude dos governantes que estão hoje no comando do país, sem fazer uma retomada ampla da situação política do Brasil, a fim de entender a sua composição.

#### 4.2.1.6 Categoria Violência e Segurança

Todas as categorias analisadas até agora convergem em uma série de problemas, que parecem interconectados, e nos conduzem à nossa última categoria de análise: violência e segurança pública. Aqui, figuram excertos dos jornais The Guardian e The New York Times, sendo este com 3 trechos selecionados e o primeiro com 16 excertos para análise. Esses fragmentos relacionam-se a questões de segurança dos próprios atletas olímpicos, aos embates entre manifestantes e polícia, às diversas manifestações ocorridas por todo o Brasil, antes e durante o período Olímpico. Nesses trechos, a Polícia do Rio de Janeiro está associada a expressões como “organização violenta”, que levam a crer que



tampouco a polícia é capaz de proteger os cidadãos, quanto os cidadãos são capazes de enfrentar a “batalha” contra a violência que assolava o país.

A constante conexão entre o descaso com a segurança e o aumento da violência, aponta o governo como elemento principal desta equação, na qual a população acaba sendo a principal afetada, por se situar no meio deste “fogo cruzado”, muito noticiado pelos jornais analisados. Nesse sentido, os excertos selecionados e transcritos abaixo transmitem os sentidos de que o Brasil vive um cenário de guerra, onde as favelas e o tráfico, juntamente com a insegurança da população, são os principais protagonistas que movem as reportagens publicadas sobre o caso. Essa ideia de que o Brasil não é um país seguro e vive um “cenário de guerra” reverbera na mídia a ponto de ser possível a construção do sentido de que, o Brasil, mesmo à época dos Jogos, não é um local seguro para as pessoas, o que podemos ver nos excertos destacados abaixo:

Segurança é uma das principais preocupações de atletas e visitantes. Eles estão certos em se preocupar. De acordo com jornais locais, traficantes estão envolvidos em disputas territoriais em pelo menos 20 bairros do Rio [...] Todos temem um aumento da violência policial durante os Jogos. O país vai enviar 85.000 soldados e oficiais, um número que é o dobro do que foi utilizado nas Olimpíadas de Londres 2012

(NY Times, 03/07/2016, tradução nossa)

“Policiais usaram granadas e gás lacrimogênio para dispersar protestos ao redor da tocha Olímpica, em um subúrbio pobre do Rio de Janeiro, na quarta-feira, dois dias antes da primeira Olimpíadas latino-americanas inaugurar sobre forte esquema de segurança”

(NY Times, 04/08/2016, tradução nossa)

Apesar do sucesso inicial do policiamento nas comunidades, muitos residentes das favelas ficaram desiludidos, após anos de práticas agressivas dos policiais das UPPs [Unidade de Polícia Pacificadora]. ‘A polícia ainda é uma organização militar violenta’, diz Gabriel Siqueira, 27, da Federação das Favelas Associadas do Rio de Janeiro. ‘Não tem a capacidade para implementar uma polícia como a pacificadora.’[...]

(The Guardian, 19/07/2016, tradução nossa)

De acordo com uma recente pesquisa do jornal O Globo, 85% dos moradores do Rio vê uma ‘falta de segurança’ como o maior problema dos Jogos. A pesquisa também mostrou uma falta de apatia com o evento. Apenas 49% são a favor das Olimpíadas, embora a maioria – 61% - acha que ela poderia ser um sucesso [se não houvesse os problemas citados]

(The Guardian, 16/07/2016, tradução nossa)

Existe o medo que os cortes do orçamento atinjam também a segurança. Depois de uma década de melhora na taxa de criminalidade, os últimos dois anos foram vistos com um aumento dos casos de assassinato e roubo. Um programa para pacificar as favela, anteriormente comandadas por traficantes, tem retrocedido. Diversos atletas visitantes foram roubados. Após os salários dos policiais serem atrasados pelo governo do Estado do Rio no último mês, policiais chegaram a ir no principal saguão do aeroporto internacional, com um cartaz

que declarava a incapacidade de proteger os visitantes, sob o *slogan* “Bem-vindos ao inferno”.

(The Guardian, 16/07/2016, tradução nossa)

Faltando menos de um mês para a Cerimônia de Abertura das Olimpíadas, as manchetes de jornais estão dominadas por roubos à atletas, partes de corpos boiando na praia de Copacabana, onde será a quadra de vôlei de praia, e um tiroteio assassino em um hospital Olímpico. No último caso, um paciente foi morto e uma enfermeira ferida quando 12 bandidos usaram granadas e armas para libertar o líder que havia sido preso – um traficante com o apelido de ‘Fat Family’.

(The Guardian, 08/07/2016, tradução nossa)

Os excertos selecionados sobre segurança pública e violência, enfatizam os problemas do Rio de Janeiro e podem ser compreendidos como problemas de todo o Brasil, pois as notícias buscavam trazer à tona a realidade do Brasil como um país assolado por essas questões. Esse problema é uma das principais questões da sociedade atual, uma vez que reforça a ideia de uma sociedade “jogada à própria sorte”. Os fragmentos de textos abordam acontecimentos impactantes, relacionados a “assassinato”, “liberação do dono do tráfico”, “práticas agressivas dos policiais”, dentre outros, num período em que o país se preparava para receber o maior espetáculo esportivo do mundo. Por meio dessas matérias, construía-se o sentido de que temos uma polícia violenta, o que pode ser desdobrado para o entendimento de que temos uma administração pública preocupada somente em recriminar e não em resolver a raiz do problema da segurança da população. Assim, podemos inferir que a imagem construída aqui, sobretudo acerca da realidade social brasileira, constitui-se pelo somatório de fatores dispersos nas diferentes categorias analisadas, ou seja: vivemos num país marcado pela desigualdade social, com altos índices de criminalidade, que não demonstra assistência básica à população carente. Essa população sofre com a falta de recursos básicos: saneamento de esgoto, escolas, creches e hospitais de qualidade, falta de acesso a diversos serviços, roubos escancarados do dinheiro público e uma polícia incapaz de resolver o problema da violência do Brasil.

#### 4.2.2 *Depois da Rio 2016*

Para termos uma análise completa da realidade social noticiada pelos jornais escolhidos, este estudo monográfico também procurou reportagens, matérias e notícias veiculadas após a data da Cerimônia de Abertura, ocorrida no dia 05 de agosto de 2016, nos jornais analisados, no período de 06/08/2016 até trinta dias após o encerramento dos

Jogos, ou seja, 21/09/2016. O segundo período de análise é menor que o primeiro, em virtude de que após um mês do término do megaevento, as reportagens e matérias sobre a realidade social brasileira diminuíram consideravelmente. Nesse período, inserimos no material que compõe nosso corpus outras 38 reportagens, classificadas e categorizadas segundo os mesmos critérios da análise do período anterior aos Jogos, sendo: 10 reportagens publicadas no *The New York Times*, 15 no *The Guardian* e 13, no *El País*. Inicialmente, pode-se perceber a diminuição das publicações feitas pelo jornal britânico *The Guardian*: no primeiro período analisado, foram encontradas 25 reportagens, e neste segundo momento, 15.

Nessas reportagens, identificamos 13 excertos sobre a categoria “Desigualdade Social”; 11 referem-se à “Economia”; 18 sobre à categoria “Legado Olímpico”; 12 são relacionadas à “Corrupção/Crise Política”; por fim, 8, à “Violência e Segurança”. Porém, foi criada uma nova categoria, intitulada “Povo Acolhedor”, pois versa sobre aspectos positivos que ascenderam aos jornais após a Cerimônia de Abertura, data que marca a separação dos períodos desta análise. Esta última categoria conta com 40 excertos. Assim como a análise do período pré-olímpico, seguiremos a ordem, por categorias, para fins de padronização dos dois períodos definidos.

#### 4.2.2.1 Categoria Desigualdade Social

A primeira categoria analisada no período pós Olímpico, Desigualdade Social, traz em sua maioria um balanço da relação da elite brasileira e carioca frente à realidade dos moradores das favelas cariocas, bem como os diferentes resultados que a Olimpíada trouxe para essas classes sociais tão antagônicas. Nesta categoria, foram encontrados 9 excertos do jornal *The New York Times*, 4 do jornal *The Guardian* e nenhum do jornal espanhol *El País*. Os excertos reforçam o sentido de que existe uma minoria “elite branca” no Brasil, frente a uma maioria prejudicada, moradora de comunidades carentes, e sem acesso aos benefícios olímpicos que o governo diz ter conseguido realizar.

Os trechos selecionados mostram o abandono do Estado em relação às comunidades carentes do Rio de Janeiro, o que contribui para a construção social da realidade (1996), no momento em que os jornais se apossam das tipificações e padrões

que existem nas favelas e comunidades pobres do Brasil para representar a imagem da realidade brasileira, contrastada com a chamada “elite saudável”:

Existem muitas evidências para os críticos que dizem que megaeventos inchados causam mais dores do que benefícios: gastos massivos com estádios em um período onde o governo mal consegue pagar os salários de médicos e professores, uma grande presença de seguranças que protege ricos estrangeiros à custa dos moradores mais pobres, estádios vazios que sugerem que a população local não estava interessada na maioria dos esportes e a desigualdade maciça entre as \$700 libras por dia, pagos os executivos do Comitê Olímpico Internacional, e as \$10 libras pagas por dia aos servidores que limpavam as Vilas Olímpicas.

(The Guardian, 21/08/2016, tradução nossa)

‘O legado que nós temos de megaeventos aqui na Maré é sangue no chão’, [...] ‘Esses jogos não incluem a favela, as comunidades periféricas, e os pobres. Nós devemos somente trabalhar, servir, e não nos divertirmos’”

(The Guardian, 19/08/2016, tradução nossa)

As favelas, onde 20% dos 7 milhões da população do Rio vive, sendo a maioria sem esgoto tratado e serviços básicos. Existe uma mitologia sobre o Brasil ser uma nação ‘arco-iris’. Mas a realidade social e econômica do Brasil, contam uma história diferente. A elite é majoritariamente branca (e o governo interino é totalmente branco e masculino), e os pobres são majoritariamente negros.

(The Guardian, 06/08/2016, tradução nossa)

Eu estou cansada, muito cansada – [...] escreveu, ‘de ler histórias negativas sobre as Olimpíadas Brasileiras, a raiva nos subúrbios, a violência que continua [...], o embate entre ricos e pobres, os aborrecimentos com a organização, o caso de doping da Rússia, e o mosquito brasileiro, e o dinheiro que poderia, supostamente, ser gasto melhor

(NY Times, 16/08/2016, tradução nossa)

O Rio deverá enfrentar o enorme desafio da realidade. Uma cidade ameaçada pelo desemprego pós-Jogos, uma rede estadual de hospitais e escolas em situação precária, contas do Estado no vermelho e uma grave crise de segurança que chegará de vez na hora em que os 85.000 militares e policiais mobilizados para a Olimpíada voltem às suas funções e o foco da imprensa internacional e a última luz do Maracanã se apagar. Será só no silêncio da ressaca olímpica que o Rio deverá se mostrar verdadeiramente vitorioso.

(El País, 22/08/2016, tradução nossa)

Nesta categoria, não foram encontrados excertos que representam uma visão essencialmente positiva sobre o Brasil, especialmente relacionado as questões de desigualdade social, fortemente demarcadas na parte da pesquisa relacionada aos excertos do período pré-olímpico. Esse fato é importante, pois reforça a linha invisível que corta o país entre ricos e pobres, conferindo ainda mais força à imagem de um país com marcado pela desigualdade social, em todos os lugares – até mesmo no cerne dos Jogos Olímpicos. A imagem criada, portanto, é sim de um país que não está preocupado em

acabar com a desigualdade social que impacta em todos os outros aspectos analisados neste trabalho.

#### 4.2.2.2 Categoria Economia

A categoria Economia, encontrou 7 excertos do Jornal *The New York Times* e 4 do jornal *The Guardian*. Nesta categoria também não foram identificados excertos do jornal *El País*. Com relação aos excertos encontrados, em suma, são retomados os assuntos acerca do custo financeiro dos Jogos para a cidade do Rio e para o Brasil, assim como as críticas à má administração do dinheiro, além da crise financeira instaurada no país. Não foram encontrados fragmentos de texto que transmitam algum tipo de qualidade positiva sobre o Brasil. Em paralelo a isso, as reportagens selecionadas fazem comparativos entre os gastos das Olimpíadas do Rio e os das demais cidades-sede, ora enfatizando os do Brasil como demasiadamente elevados, ora falando que os nossos jogos tiveram um orçamento menor que os demais países. Essas percepções ajudam a fortalecer a imagem - que já havia tido o início de sua construção nos excertos do período anterior ao início dos Jogos - de país corrupto, marcado por um governo preocupado em delegar propina.

Os Jogos do Rio – os primeiros da América do Sul – também seriam um pouco diferente. Oficiais Olímpicos veteranos confessaram, privadamente, que estes seriam os jogos mais caóticos [...], inseguros financeiramente de toda a era moderna, mas tudo se encerrou sem maiores calamidades.  
(The Guardian, 19/09/2016, tradução nossa)

A corrupção marcou esses Jogos, com empreiteiros e políticos embolsando centenas de milhões em seus bolsos. Bravos jornalistas daqui expuseram isso, e para o crédito dos procuradores brasileiros, investigaram os escândalos de metástase. No início desse ano, o líder da maior companhia de empreiteiras do Brasil, Odebrecht, e um grande investidor das casas dos atletas, foi sentenciado a 19 anos de prisão por seu papel em um escândalo político.  
(NY Times, 23/08/2016, tradução nossa)

Ele notou que os 12 milhões de dólares para os Jogos era significativamente menor que os gastos das outras cidades-sede – o montante de 15 bilhões de dólares gastos nos Jogos de Londres 2012 e os 51 bilhões de dólares da Rússia dos Jogos de Inverno de 2014 em Sochi.  
(NY Times, 21/08/2016, tradução nossa)

A quantia de dinheiro perdido para o desperdício e corrupção talvez nunca seja conhecida. Sérgio Cabral, o antigo governador que ajudou a lançar as Olimpíadas, foi acusado de demandar milhões em propina. Também parece que os 12 locais olímpicos que seriam transformados em escolas ou centros de esportes acabarão por ser elefantes brancos.  
(NY Times, 21/08/2016, tradução nossa)

A ligação direta do ex governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, com os Jogos Olímpicos, além das afirmações por parte dos jornais dos casos de propina, transmitem a certeza de que sim, como afirma o norte-americano *NY Times*, a corrupção marcou os Jogos do Brasil. A associação com empreiteiras, que tiveram seus diretores presos, com as obras para o Legado fortalecem a imagem de que nosso país é essencialmente corrupto, pois não foram encontrados excertos positivos, ou de melhora, em relação as questões financeiras do Brasil. Isso é danoso à imagem do Brasil como um todo, e não somente no que tange aos Jogos Olímpicos, pois impacta em diversos investimentos estrangeiros e questões relacionadas as empresas brasileiras que exportam para fora do país. A conexão que pode ser feita é de que, se um país é essencialmente corrupto, porque as empresas que nasceram lá não seriam?

#### 4.2.2.3 Categoria Legado Olímpico

A categoria Legado, segue a lógica da mesma analisada no período anterior aos Jogos Olímpicos, a qual também foi intimamente relacionada com questões econômicas dos Jogos.. O fato de algumas infraestruturas das Olimpíadas serem reaproveitadas após o término dos Jogos, por exemplo, é uma questão de Legado. Nesta categoria, foram encontrados 10 trechos do Jornal *The New York Times*, 7, do jornal *The Guardian* e 1 excerto do jornal espanhol *El País*.

O fator positivo desta categoria está relacionado aos pontos turísticos do Brasil, o que pode ser levado em consideração como positivo pelo fato de os Jogos Olímpicos Rio 2016 conseguirem exportar para o restante do mundo as belezas naturais do Rio, que foram midiaticizadas e divulgadas como nunca antes havia ocorrido. O “empurrão” midiático dos Jogos Olímpicos pode ser sido bastante benéfico para o futuro do país. Mas, esse é um ponto que, está no Rio de Janeiro (e no Brasil) com, ou sem Jogos Olímpicos. Então, o fator positivo encontrado, não diz respeito diretamente aos Jogos, mas sim a algo que é inerente ao Rio de Janeiro. Além disso, os jornais preocupam-se em reportar as obras concluídas a tempo do início dos Jogos e que ficarão para a população para sempre. Por outro lado, os excertos revelam a preocupação dos moradores com a corrupção envolvida dos Jogos do Rio 2016, para a construção do legado. Isso fica evidenciado nos

excertos abaixo, em que os jornais seguem o curso de apontar que, apesar das inúmeras melhorias (em certo aspecto identificadas como superficiais) nestes Jogos, e na situação que o Brasil se encontrava, o legado Olímpico não era a principal agenda da população:

[...] o Rio ainda terá uma enxurrada de turistas para receber por causa das imagens espetaculares da cidade e da atmosfera da praia de Copacabana que foram vistas pelo mundo todo. Também haverá um legado: uma nova linha de metrô e um sistema de transporte melhorado; alguns estádios modernos e um campo de golfe que ganhou duras críticas durante os Jogos [...] Mas, críticas à parte, as Olimpíadas de Verão 2016 do Rio, alteraram profundamente a cidade de 6 milhões de pessoas, produzindo um porto revitalizado, uma nova linha de metrô, e uma gama de projetos municipais, grandes e pequenos, que estavam há muito tempo na lista dos mais desejados da cidade.  
(NY Times, 21/08/2016, tradução nossa)

Aproximadamente 100 km de vias expressas de ônibus reduziram o tempo de deslocamento para os trabalhadores pobres. Foram construídos 4 novos túneis e um sistema de trilhos leves com 17km foi aberto em junho. Uma nova linha de metrô, a primeira grande expansão do sistema em décadas, começou a operar 4 dias antes da Cerimônia de Abertura. A Cidade disse que teve a construção de mais de 400 escolas e clínicas de saúde em bairros pobres, como parte do que o prefeito chamou de revitalização estimulada pelos Jogos Olímpicos.  
(NY Times, 21/08/2016, tradução nossa)

É difícil ficar empolgada com as Olimpíadas, quando nossos hospitais estão superlotados e as pessoas não conseguem encontrar emprego – ela disse. Mas sentar à sombra de um novo museu de ciência [...] mudou sua mente. ‘Estou certa que teve muita corrupção e gastos nisso aqui, mas o resultado final é maravilhoso e muito legal. Esse é um lugar que com certeza vou voltar várias vezes.  
(NY Times, 21/08/2016, tradução nossa)

Algumas perguntas sempre torturam a ressaca do país organizador. Quanto tempo vai durar o estado de euforia e esperança que desperta orgulho nos cidadãos, apesar do que todos pensam, foram responsáveis pela tarefa de conseguir organiza-los? Eles merecem a penalidade? Quanto custou essa despesa? Quanto é a dívida? Como será pago? Como os serviços públicos, a saúde e a educação sofrerão? O Rio é uma cidade melhor que há um ano atrás?”  
(El País, 23/08/2016, tradução nossa)

O último excerto escolhido para análise da categoria Legado, proveniente do jornal espanhol *El País* faz questionamentos pertinentes para nosso país. Este tipo de excerto pode ser considerado uma preocupação comum a todos os países que recebem edições de Jogos Olímpicos. Apesar de não concluir a sentença, abre o questionamento para que se pense o futuro da cidade que gastou os milhões já citados aqui, para receber o megaevento. Essa soma de fatores reforçam os sentidos construídos na primeira fase de análise deste estudo, uma vez que posiciona o Brasil, após a execução dos Jogos como país despreparado em termos de planejando para concretizar um evento deste porte.

#### 4.2.2.4 Categoria Saúde Pública

A categoria Saúde Pública, possui apenas um excerto, extraído do Jornal *The New York Times*. Acredita-se que isso se deve ao fato de que, antes dos Jogos, havia grande apreensão mundial foi em relação aos riscos provocados pelo zica vírus e que acabou se mostrando uma preocupação não concreta, pois não tivemos casos de atletas contaminados com algum tipo de doença relacionada ao mosquito. Também não foram registrados grandes problemas de saúde, ao ponto de serem tão noticiados pela mídia internacional. Os sentidos que eram apresentados como a representação da imagem do Brasil como país onde a saúde pública é precária, e que foram agravados pelo caso da pandemia mundial de zica, não foram acionados no momento pós-Olímpico.

O “silêncio” dos jornais em relação a essas questões pode ser um dado de pesquisa que, segundo Bardin (1977), deve ser levado em consideração. Neste caso em específico de silêncio, é um fator positivo à imagem do país, pois o temor alardeado pelas matérias publicadas pelos jornais não se concretizou, ao ponto de não serem identificados grandes fragmentos de texto dedicados à essa questão após as Olimpíadas.

#### 4.2.2.5 Categoria Corrupção/Crise Política

A categoria Corrupção/Crise teve excertos apenas no Jornal *El País*, para a qual identificamos 12 excertos. O grande assunto foi o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff as vaias para o então presidente interino Michel Temer, associadas aos gritos de “Fora Temer” entoados nos estádios e arenas de competição, e que se popularizam em todo o território nacional, virando notícia no mundo. O *El País* ressaltou, no entanto, que os Jogos Olímpicos, segundo o Comitê Organizador Internacional, não se configuravam como lugar para manifestações políticas, o que pode ter sido interpretado como uma espécie de censura, uma vez que o Brasil estava vivenciando o segundo caso de *impeachment* de sua história – desta vez sob a forte contestação de diversos setores públicos, que alegavam que o processo de *impeachment* realizado também era tido como golpe de estado, ao retirar uma presidente eleita do cargo sem a comprovação de crime eleitoral.

Os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos coincidiram com uma mudança sistêmica na política nacional. No mês passado, a presidente eleita pelo Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff, sofreu um *impeachment*, e foi substituída pelo



igualmente impopular Michel Temer, que foi muito vaiado nessa edição dos Jogos. Na Cerimônia de Encerramento do domingo, uma das bandas favoritas do país – Nação Zumbi – revelou uma faixa escrita “Fora Temer”. (El País, 19/09/2016, tradução nossa)

Alguns donos de bilhetes para as competições foram expulsos de várias arenas das competições por estarem usando camisetas e cartazes escrito “Fora Temer”. Os vídeos dessas expulsões provocaram indignação. Para contornar essa proibição, alguns levaram placas que diziam: “Fora Vocês Sabem Quem” (El País, 19/09/2016, tradução nossa)

#### 4.2.2.6 Categoria Violência e Segurança

Por fim, a categoria “Violência e Segurança” contabilizou 1 excerto do jornal *The New York Times*, 5 advindos do jornal *The Guardian* e 1 do jornal *El País*. No jornal *The Guardian*, destaca-se a reportagem que noticiou casos de roubos e crimes no Brasil durante os Jogos, alegando que o receio previamente divulgado com relação as questões de segurança do Brasil tinham fundamento. As colocações dos jornais reforçam a imagem construída antes do período Olímpico, ou seja, de que o Brasil é um país com tamanha desigualdade social, que acaba por ser um dos mais violentos e sem segurança do mundo.

Em termos de imagem (2006) isso é prejudicial ao País, pois reforça um estereótipo de país de terceiro mundo que carece de segurança para seus moradores. Outros trechos selecionados demonstram a quantidade de assaltos relatados pela imprensa mundial, enfatizando a imagem construída previamente de país perigoso. Apesar disso, o fato do primeiro ouro do Brasil ter vindo da judoca Rafaela Silva, negra e pobre, foi relatado como fator de diferenciação dos moradores de favelas, ao tentar quebrar a ideia de que as pessoas moradoras de comunidades são, em sua maioria, criminosos. Configurou-se como contraponto para que o mundo veja que nas tão mal faladas “favelas” existe uma maioria de pessoas com talento e possibilidades e que carece de atenção por parte dos governantes. É também, dessa forma, artefato que rompe com a imagem negativa da favela para o restante do mundo.

[...] Os medos de crime demonstraram-se bem justificados. Houve inúmeras tentativas de assalto, embora os ladrões do Rio muitas vezes tenham saído na pior. Dois foram mortos a tiros: o primeiro depois de tentadoramente tentando roubar a segurança na cerimônia de abertura; O segundo depois de lutar com um especialista de jiu-jitsu de 60 anos que disse à polícia que fazia parte da delegação diplomática russa (posteriormente negada pelas autoridades russas). Outro assaltante acabou em uma briga com o medalhista de bronze do judo belga Dirk Van Tichelt. Um ministro português foi roubado em faca em Ipanema, embora os locais ajudassem a polícia a pegar o ladrão. (El País, 21/10/2016, tradução nossa)

A primeira medalha de ouro do Brasil - ganhou por uma judoga negra e ex-residente da favela da Cidade de Deus - também ajudou a desafiar estereótipos antigos. Mas ela espera que os Jogos possam ajudar a pacificar as comunidades estão longe de ser realizados. As estatísticas oficiais sugerem que o crime no Rio caiu ao longo da última década, mas começou a aumentar novamente nos últimos dois anos como resultado de uma economia em piora e algumas reivindicações locais - a pressão extra das Olimpíadas.  
(El País, 19/08/2016, tradução nossa)

#### 4.2.2.7 Categoria Povo Acolhedor

Esta categoria emerge da segunda fase de análise (período após a Cerimônia de Abertura), revelando aspectos positivos referentes à população brasileira, que até então não haviam circulado nos veículos analisados. Tais aspectos são: à receptividade do povo, à cordialidade, e ao acolhimento que o Brasil é capaz de ter com seus visitantes. Esses excertos são pistas para uma possível (pequena) mudança em relação as representações do Brasil nos jornais escolhidos como objeto deste estudo. Aqui, foram selecionados 14 excertos do jornal *The New York Times*, 17 do jornal *The Guardian* e 9 advindos do jornal espanhol *El País*.

A categoria irrompe a partir das várias reportagens que foram produzidas (nos jornais analisados) sobre a Cerimônia de Abertura, orquestrada por Fernando Meirelles, premiado diretor de cinema, que ficou responsável pelo espetáculo noticiado positivamente pelo mundo todo. Os excertos também elogiavam o povo brasileiro, sobretudo seu entusiasmo e alegria em receber os turistas, ressaltando o fato dos milhões de reais injetados na economia em função dos Jogos. São destacadas as capacidades do brasileiro de “seguir em frente”, de conseguir desenvolver uma Cerimônia Olímpico com baixo orçamento e que projete e preocupação mundial sobre questões ambientais e de paz, da criatividade do povo e da habilidade de superação, conforme exposto abaixo.

Ufa! Foi tudo muito bom na última noite [Cerimônia de Abertura]. Não – isso não é justo. Foi muito melhor que ‘bom’. Eu tenho ido e voltado ao Brasil durante os últimos cinco anos e eu estava assistindo a cerimônia de abertura sem fôlego!  
(The Guardian, 06/08/2016, tradução nossa)

A ideia de uma Cerimônia de Abertura barata pode soar como um truque para o público para audiências estrangeiras, mas, em casa, a mensagem se saiu muito bem. Existe muito sofrimento no Brasil neste momento, com escolas e hospitais fechando e policiais e bombeiros sem pagamento. Mas a necessidade prova que é a mãe da invenção – e assim se fez no Brasil. Meirelles e seu time foram obrigados a procurar figurinos em lojas que equivalem a Primark e em

lojas de caridade. [...] Parabéns ao premiado diretor Fernando Meirelles, diretor do filme Cidade de Deus, gravado nas favelas do Rio. Ele fez algo bastante notável com o show espetacular da Abertura, com um orçamento que parecia encolher a cada dia. Combinou suas habilidades cinematográficas com coreografias extraordinárias e displays de luzes, com uma narrativa muito forte que explica o complexo histórico do Brasil para o restante do mundo. (The Guardian, 06/08/2016, tradução nossa)

Os Jogos da cidade maravilhosa, questionados até o último momento pelo vírus da zica, pelo terrorismo e pelo transporte, tem sido um sucesso, celebrado com uma cerimônia bem menos chamativa que a da abertura, mas que culminou com um estádio do Maracanã convertido em um sambódromo, com a “varreção” final de Sorriso, figura popular do carnaval carioca, e a super-modelo Izabel Goulart sambando como se não houvesse amanhã. (El País, 22/08/2016, tradução nossa)

Os cariocas são graciosos, dos bares de Copacabana à uma senhora humilde de 64 anos, que me convidou para ir até sua casa, na Favela do Mandela, para ouvir suas queixas sobre os gastos exorbitantes dos Jogos. Um dia, quem sabe, nós poderemos entregar uma Olimpíadas sustentável, que valha para eles (NY Times, 23/08/2016, tradução nossa)

Ainda que existissem críticas negativas após a Cerimônia de Abertura, o perfil da população brasileira, conhecida por ser muito receptiva, foi reforçado. Também foi salientada a beleza exuberante da cidade do Rio de Janeiro como aspectos positivos. Essas duas questões somadas, no entanto, não foram relevantes a ponto de marcar mais presença na mídia ou de amenizar ou “apagar” os escândalos de corrupção, desvio de dinheiro público, problemas estruturais e com o legado olímpico, ainda presentes nas reportagens.

Aspectos naturais do Brasil e do Rio também foram muito comentados, com destaque para excertos que mostram a preocupação dos jornalistas em relatar o desgaste das pautas negativas em relação ao Brasil, o que pode ser interpretado como um sinal de que os jornais também se preocuparam em mostrar bons aspectos sobre o país, tensionando as representações anteriores, apenas negativas, construídas na análise da primeira parte deste estudo monográfico:

Em grande parte, isso é graças a beleza natural surpreendente da cidade que sempre absorveu muitos pecados de seus moradores e visitantes. Independentemente da má organização, da desigualdade social ou da qualidade duvidosa da água das piscinas ou da baía, todas as provas tem sido lugares espetaculares de céu azul, montanhas vertebantes e horizontes oceânicos. Essas imagens moldarão a memória dos bilhões que experimentaram o Rio através das telas de tv ou computadores distantes. (The Guardian, 19/09/2016, tradução nossa)

Apesar de tudo, a maior conquista do Rio foi acabar com a ‘síndrome de viralatas’ do Brasil. ‘Isso mostrou ao mundo que somos capazes de receber esses eventos, contrariando a visão de que eles são apenas adequados ao primeiro mundo. (The Guardian, 19/09/2016, tradução nossa)

Frente à essa segunda coleção de excertos faz-se necessário um movimento de comparação aprofundado entre as matérias e reportagens do período pré e pós Olímpico. Desse modo, pode ser feita uma analítica mais completa sobre as reconfigurações de sentidos na veiculação das matérias e reportagens, o que permitirá uma análise transversal em direção aos objetivos deste estudo. Partimos então para o próximo tópico, com vistas a analisarmos mais profundamente os sentidos acionados antes e depois do megaevento.

#### 4.2.3 *Antes X Depois*

Podemos dizer, de forma geral, que as matérias e reportagens analisadas neste estudo monográfico acerca da realidade social brasileira, no período anterior aos Jogos Olímpicos, entoam a mensagem de alerta para os leitores internacionais dos jornais aqui estudados como se quisessem dizer: “Não vá ao Brasil! Mas se for, todo cuidado é pouco”. Chegamos a essa conclusão em função dos inúmeros relatos acerca dos problemas com saúde, segurança, violência, política, obras inacabadas, corrupção e escândalos bilionários com o dinheiro público. Os trechos selecionados que apresentam aspectos positivos para o Brasil também colocam como contraponto essas questões mencionadas, logo encaminham para o sentido negativo em relação à imagem do Brasil.

Naquele momento, a noção de um país despreparado e de uma sociedade dependente de governantes corruptos que não se preocupavam com o bem-estar da população, apenas beneficiando uma elite minoritária, ficou evidente na grande totalidade dos excertos. Se limitássemos nossa análise a este primeiro momento, poderíamos concluir que a imagem acerca da realidade social do Brasil, veiculada por esses jornais foi, de maneira geral, negativa e danosa ao país. As reportagens acionaram sentidos que levaram à formação de imagem de um Brasil pobre e despreparado, com seu povo abandonado e carente de serviços básicos, cheio de mazelas da cidade-sede e que não era capaz de se estruturar já às vésperas do início do megaevento, quando receberia milhões de turistas. Em conjunto, todas essas questões conferem sentidos e imagens, essencialmente negativas ao Brasil, produzidas pelos jornais analisados. Mas, mesmo quando há a tentativa de tecer comentários positivos sobre o Brasil, são feitos contrapontos que reforçam a desigualdade social e que esses problemas eram tratados em separados do espetáculo que estava para começar no Rio de Janeiro. É importante, no entanto, ressaltarmos que os textos que apresentam traços positivos do Brasil, ainda sim

são excertos que reiteram a desigualdade social do País, colocando o “esplendor do espetáculo” dos Jogos como uma exceção as adversidades.

No entanto, a imagem do Brasil não está limitada a um só momento. Vimos isso na segunda parte da análise, que compreende o período após a Cerimônia de Abertura. Quando voltamos nosso olhar para a segunda parte dos excertos encontrados, temos um número menor de excertos para analisar. Contudo, eles são muito significativos a ponto de acionarem sentidos tão distintos capazes de alterar a representação da imagem inicialmente construída acerca da realidade social do Brasil. Por outro lado, não reforçam as representações negativas das imagens antes midiáticas.

Nessa perceptiva, podemos dizer que a “mudança de tom” nos jornais analisados no período pós-olímpico foi associada ao comportamento do povo brasileiro, retratado por todos os jornais como pessoas alegres, felizes, batalhadoras e muito receptivas aos visitantes de todas as nacionalidades. Fundamentamo-nos em Baldissera (2008) para dizer que a imagem-conceito do Brasil é constituída tanto pela estrutura das relações políticas e econômicas, como também das sociais e culturais. Por ser formada sob estes quatro “pilares”, a imagem-conceito é da qualidade do simbólico (BALDISSERA, 2008). Percebemos essa relação entre a imagem e o simbólico ao analisarmos textos internacionais, escritos por jornalistas estadunidenses, espanhóis e ingleses que recorrem a estruturas enraizadas na cultura e por meio da simbologia das palavras ajudam a construir sentidos e fortalecer (ou por vezes romper) imagens estereotipadas sobre a sociedade brasileira. Esses jornais também reforçam a ideia de que a população não “merece” os governantes que possui, em virtude de ser, primordialmente, uma população considerada formada por boas pessoas, para ter governantes corruptos e que desviam dinheiro público para uso próprio.

Podemos dizer que a análise positiva concentra trechos dos jornais que priorizam dois aspectos: o primeiro, diz relação às pessoas do Brasil, já mencionado acima. O segundo aspecto diz respeito as belezas naturais do Rio de Janeiro. O Brasil, em virtude de suas belezas naturais, somadas à receptividade da população, literalmente encantou os jornalistas e produtores das reportagens e matérias analisados. Os problemas enfrentados com infraestrutura e poluição não voltaram a figurar na análise do período posterior aos Jogos Olímpicos.

Transpondo a noção de construção da realidade social de Berger e Luckmann (1996) para a nossa análise, podemos dizer que o Brasil continua com os mesmos problemas e mazelas anteriores à realização dos Jogos, e a soma dos vários aspectos

analisados constituem a realidade da vida cotidiana atual: corrupção, precariedade de serviços públicos, falta de segurança e uma severa desigualdade social. Os Jogos Olímpicos Rio 2016, por serem um acontecimento, são essencialmente da ordem da experiência dos indivíduos envolvidos no contexto (neste caso, a população brasileira e os turistas), contexto a partir do qual, formam significações que irão se desdobrar em construções da realidade social. É importante ressaltarmos, entretanto, que devemos ter análise crítica pois muito dessa experiência vem através de produtos midiáticos. Além disso, essas construções formadas não cessam junto com o término do acontecimento em questão e o que foi construído tem a capacidade de desdobrar-se na vida cotidiana em graus diferentes de espaço e tempo. Isso significa que, mesmo após o término dos Jogos Olímpicos, as percepções criadas guiarão os futuros sentidos e construções sobre o Brasil. A realidade social brasileira, portanto, não muda, mas, podemos dizer que esse acontecimento tenha contribuído para que o Brasil, sobretudo o povo brasileiro, mude a forma de ver a si mesmo, assim como os jornalistas, que levaram daqui uma percepção menos estereotipada e menos problematizada, que pode ser multiplicada em suas futuras reportagens acerca do Brasil e de sua realidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que o Brasil, por ter sido sede de grandes eventos mundiais em sequência, teve diversos sentidos acionados que contribuíram para formar sua imagem em todo o mundo, o que deixou o país com a sua visibilidade em alta. Retomando Fernsterseifer e Avec (2014), as autoras dizem que um mesmo país pode acionar as mais diversas imagens na mente das pessoas. Essas imagens podem

variar de acordo com uma série de fatores, incluindo os níveis intelectuais e culturais dos públicos internacionais (O'Shaughnessy & Jackson, 2000), a quantidade de informação que as pessoas têm sobre o país (Stock, 2009a), a geografia, a história, a arte e música do país, bem como seus cidadãos famosos (Kotler & Gertner, 2002, apud Fernsterseifer e Avec, 2014, p.4)

Frente a essa profusão de imagens projetadas e circulantes, emerge uma inquietação sobre como nosso país foi representado por veículos de mídia estrangeira, especificamente em países desenvolvidos, durante o megaevento Olimpíadas 2016, sediado em terras brasileiras. Nesse contexto, retomamos nosso objetivo geral, que é verificar se houve alterações sobre como a realidade social brasileira foi retratada por três jornais internacionais nos períodos pré e pós Jogos Olímpicos. Ao final da investigação, no que diz respeito ao objetivo central, é possível afirmar que essa influência ocorreu em partes. As análises dos sentidos postos a circular pelos jornais escolhidos demonstram que essa alteração parcial é decorrente de dois motivos principais: 1) os Jogos ocorrerem sem grandes problemas 2) nossa população demonstrou uma grande receptividade e considerável acolhimento aos representantes de todas as nações visitantes. Dessa forma, foi possível perceber nas reportagens e matérias analisadas - mesmo sem a ocorrência de verdadeiras quebras de estereótipo ou consideráveis rupturas de sentidos - outras representações do Brasil, que faziam circular aspectos positivos do país.

Recuperemos os objetivos específicos: 1) identificar os sentidos acionados acerca da realidade social do Brasil, pelos referidos jornais, antes e depois das Olimpíadas Rio 2016; 2) comparar a imagem-conceito que os jornais oferecem sobre a realidade social brasileira antes e depois das Olimpíadas Rio 2016; 3) verificar aspectos da realidade social brasileira que foram representados de modo diferente antes e depois do megaevento. Os resultados acerca dos objetivos específicos apresentam-se de forma transversal, pois um acaba encadeando outro. As análises revelaram a permanência do sentido da precarização social de um país de terceiro mundo (antes e depois da Olimpíada), mesmo após a execução do evento sem maiores problemas; contudo, a

emergência de uma nova categoria (povo acolhedor) – revelada nesse processo de ida e volta aos indícios – revelou essas outras possibilidades de significação que foram postas a circular que, como dissemos, deu espaço a fatores positivos baseados, principalmente, no transcorrer dos Jogos sem maiores problemas e na característica do povo brasileiro.

Destacamos a necessidade de criação de uma nova categoria no período pós Cerimônia de Abertura. A própria irrupção de novas unidades de sentido – que constroem a categoria - configura como constatação de uma mudança (ainda que parcial, ou pequena) nas representações elaboradas pelas reportagens e matérias publicadas nos jornais analisados por esta monografia. A quantidade de excertos que versava positivamente sobre a população brasileira (seu espírito acolhedor e sua vontade de ser bem vista pelos turistas) passou a ganhar cada vez mais espaço na circulação intermediática. Ainda assim, reforçamos que mesmo com a circulação de representações que admitiram a realização de um evento bem feito e sem grandes problemas, não é possível afirmar que houve uma quebra de estereótipo do país de terceiro mundo como local subdesenvolvido e precário. Houve, no entanto, a persistência do estereótipo histórico de país de terceiro mundo, o que necessita de maior problematização e estudos, podendo render outras ramificações para este trabalho.

Como contribuição para a área das Relações Públicas, o estudo acerca dos sentidos acionados para a representação da imagem do Brasil no período Olímpico reforça a importância de um olhar apurado para as questões que perpassam a imagem-conceito, ativo de extrema importância e, ao mesmo tempo, intangível. O Relações-Públicas, frente à irrupção de novos acontecimentos midiáticos (e talvez megaeventos) e a consequente fragmentação de diversas matrizes de interpretação acerca desse mesmo acontecimento, deve estar pronto para uma analítica mais complexa, que lhe dê condições de atuar em meio a tantas disputas de sentidos.

Por fim, devemos lembrar que o acontecimento segue produzindo sentido a alguém. As notícias veiculadas no segundo semestre de 2017 ligadas à Rio 2016, expõem uma série de apurações feitas pela operação Lava Jato, que buscou investigar a compra de votos de integrantes do Comitê Olímpico Internacional<sup>17</sup>. São indícios da continuidade

---

<sup>17</sup>A compra de votos ocorreu no Comitê Olímpico Internacional, através do então presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Nuzman, para que o Rio de Janeiro sediasse os Jogos de 2016. De acordo com a investigação da Polícia Federal brasileira, essa compra de votos faz parte de um grande esquema de corrupção, arquitetado pelo então governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (PMDB), que hoje encontra-se preso, também pela Operação Lava Jato, o que reforça os sentidos acionados acerca da corrupção no Brasil, entrando novamente na mídia internacional



do acontecimento, de seu surpreendente poder de afetação temporal. Pois um acontecimento de tal magnitude tem a capacidade de seguir reverberando nas mídias brasileira e internacional, colocando novos sentidos e novas imagens do nosso Brasil para circular.

As transformações impostas à sociedade, tangíveis como o legado e intangíveis como a injeção de autoestima na população do nosso país, e a revitalização da imagem do Brasil são marcações históricas que ficam impostas após os Jogos. Ainda assim, ficam em aberto discussões para que pesquisas posteriores analisem o impacto que este megaevento inferiu na imagem ou até mesmo na reputação do Brasil dentro de alguns anos. É, de todo modo, uma contribuição para área de Comunicação Social, em especial das Relações Públicas, pois lida com um ativo intangível de um país, sua marca.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDISSERA, Rudimar. Tensões dialógico-recursivas entre a comunicação e a identidade organizacional. **Revista Organicom**, ano 4, n. 7, p. 288-243, 2007.

BALDISSERA, Rudimar. Significação e comunicação na construção da imagem-conceito. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo (RS), Unisinos, p. 193-200, set/dez de 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1977.

BARICHELLO, E.M.R; SCHEID, Daiane: **Considerações sobre a visibilidade midiática e legitimação: a auditoria de imagem nas organizações contemporâneas**; disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0901-1.pdf>> acesso: 27/08/2017.

BASILE, Juliano: **Adaptações do Jornalismo em tempo de Novas Tecnológicas**; dissertação de mestrado, UnB (2009), disponível em < [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4441/1/2009\\_JulianoBasile.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4441/1/2009_JulianoBasile.pdf)> acesso em 30/08/2017.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas: **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro, editora Vozes, 1978, 4ª edição, 247 pp.

BONDONIO, P.; GUALA, C.: Sedar megaeventos ou planejar legado? In: FREITAS, R.; LINS, F.; SANTOS, M<sup>a</sup> Helena. Megaeventos. **Megaeventos, comunicação e cidade**. Curitiba: CRV, 2016. P. 39-57

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Organização e seleção Sergio Micelli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARNIELLI, Fiorenza. **A cidadania e a sua instituição: estudo de comunicação pública sobre a Defensoria do Rio Grande do Sul**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado

em Comunicação e Informação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mediatização da enfermidade de Lula: sentido em circulação em torno de um corpo significantes**. In.: MATTOS, Angela et al (org). Mediação e mediatização. Salvador: UFBA, Brasília: Compós, 2012, p. 297-321.

FENSTERSEIFER, Karina; VANC, Antoaneta: **O Retrato do Brasil no The New York Times**; in Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, número 5, dezembro/2014.

FORTES, Waldyr Gutierrez. **Relações Públicas: processos, funções, tecnologia e estratégias**. São Paulo: Summus, 2003

FRANÇA, Renné Oliveira: Acontecimento; in FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PPGCom - UFMG, 2015, p. 82 – 88.

FRANÇA, Vera: **O acontecimento e a Mídia**; in mídia. Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012, disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641250002>>.

FREITAS, L; LINS, F e SANTOS, M<sup>a</sup> Helena Carmo: Estereótipos e Clichês: A (re)apresentação do Brasil na Cerimônia De Encerramento da Olimpíada 2012; in **Revista Animus UFSM**, v.13, n.25, 2014

GOMES, Wilson. **A política de imagem**. Revista Fronteiras, Unisinos, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 43-52, 1999.

GONÇALVES, Rafael Soares: **Do Centenário à Olimpíada: megaeventos e seus impactos sociais na cidade do Rio de Janeiro em uma perspectiva histórica**; in R. Praia Vermelha, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p. 17-41, Jan./Jun. 2014

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Porto Alegre: DP&A, 2006.

KLEINA, Nilton: **Como o Rio 2016 vai receber a imprensa de todo mundo nas Olimpíadas**. [S.I.]: TecMundo, 2016. Disponível em: <<https://m.tecmundo.com.br/olimpiadas/106713-rio-2016-receber-imprensa-o-mundo-olimpiadas.htm>> Acesso em: 07 ago. 2016

LESLY, Philip. **Fundamento de Relações Públicas e da Comunicação**. São Paulo: Pioneira, 1995.

MARTINS, Raphael: **Obras das Olimpíadas podem tirar até 100 mil de suas casas** [S.I.]: Exame, 2015. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/obras-das-olimpiadas-podem-tirar-ate-100-mil-de-suas-casas/#>> Acesso em: 07 ago. 2017

MELO, Patricia Bandeira; **Um passeio pela História da Imprensa: O espaço público dos grunhidos ao ciberespaço**; in Revista Comunicação & informação, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, V. 8, n. 1, (jan./ jun. 2005)

OCKE, Marco Antonio: **Marca e Imagem de um País: Considerações Sobre a Copa do Mundo 2014 e a Promoção do Brasil**; in PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 95-120, jul./dez. 2013.

**O que é?:** Disponível em: <<http://www.jogoslimpos.org.br/conheca-o-projeto/o-que-e/>> Acesso em: 07 ago. 2017

OLÍMPIADAS: **Site Oficial dos Jogos Olímpicos**. Disponível em: <<https://www.olympic.org/rio-2016>> Acesso em: 05/07/2017

PEREIRA, Pablo: **Olimpíadas 2016 mudam a cara do Rio** [S.I.]: Estadão. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/esportes/olimpiadas-2016-obras/#inicio>> Acesso: 07 ago. 2017

PORTAL BRASIL: **Parceria Público-Privada (PPP)** [S.I]: Brasil.gov, 2012. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2012/04/parceria-publico-privada-ppp>> Acesso em: 07 ago. 2016

PONTE, Cristina. **Leituras de notícias**. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, 2004.

PORTO, A. F.; SANTOS, M. H. C. **Rio 450 anos: a celebração como estratégia da campanha comemorativa em homenagem à Cidade Maravilhosa**. In: IX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, 2015, Campinas. Anais do IX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas - 2015, 2015. p. 434-450

RODRIGUES, Andrea; FERREIRA, M<sup>a</sup> Lucia: **Acontecimento e(m) Discurso: a disputa de sentidos sobre a ocupação de uma favela carioca em relatos jornalísticos brasileiros e estrangeiros**; in SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 16/1, p. 121-147, jun. 2013

SILVA, Gislene. Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. **Jornalismo e conhecimento**, Ano 2, n.2, 2<sup>o</sup> semestre de 2005. Disponível em: <<http://posjor.ufsc.br/public/docs/182.pdf>>

SIMÕES, Paula Guimarães: **A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública de celebridades**; in Líbero – São Paulo – v. 14, n. 28, p. 129-140, dez. de 2011

SOUZA, Roberto Pereira: **Custo da Olimpíada de 2012 ultrapassa a marca de R\$ 30 bilhões e ingleses se assustam** [S.I]: UOL, 2012. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/03/09/ingleses-se-assustam-porque-custo-das-olimpiadas-chega-a-16-bilhoes-de-euros.htm>> Acesso em: 07 ago. 2017

STRANGIO, Donatella. Uma questão de definição: literatura e estratégias variáveis par megaeventos. In: FREITAS, R.; LINS, F.; SANTOS, M<sup>a</sup> Helena. **Megaeventos. Megaeventos, comunicação e cidade**. Curitiba: CRV, 2016. P. 39-57

TAVARES, Sandra Ismael Borges: **Eventos Midiáticos e os Jovens: O legado das Olimpíadas**; in S. Pereira & M. Toscano (Eds.) (2015). Literacia, Media e Cidadania - Livro de Atas do 3.º Congresso Brafa: CECS, p. 480-491.

### Documentos de Acesso Exclusivo em Meio Eletrônico

**A Magia dos Atletas** fez do Rio, os "Jogos Maravilhosos". **El País**. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/deportes/2016/08/22/actualidad/1471890716\\_047446.html](https://elpais.com/deportes/2016/08/22/actualidad/1471890716_047446.html)> Acesso em 20/07/2017

**At the Olympics**, the Thrill of Victory, the Agony of Defeat and the Lure of the Dance Floor. **The New York Times**. Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/22/world/americas/rio-olympics.html?mtrref=query.nytimes.com&mtrref=www.nytimes.com>> Acesso em 20/07/2017

**After Olympics**, Rio Is Altered if Not Reborn. **The New York Times**. Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/22/world/americas/rio-olympics.html?mtrref=query.nytimes.com&mtrref=www.nytimes.com>> Acesso em 20/07/2017

**Brazilian judge** orders Rio 2016 organisers to allow peaceful protests. **The Guardian**. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/09/rio-2016-olympic-controls-freedom-of-speech-brazilian-judge-protests>> Acesso em 20/07/2017

**Charlie Webster** back in UK after contracting malaria at Rio Olympics. **The Guardian: Reino Unido**. 30 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/30/charlie-webster-back-in-uk-after-contracting-malaria-at-rio-olympics>> Acesso em 20/07/2017

**Corrupção em Rede**. **El País: Espanha**. 8 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/internacional/2016/08/08/argentina/1470691311\\_510245.html](https://elpais.com/internacional/2016/08/08/argentina/1470691311_510245.html)> Acesso em 20/07/2017

**Espetáculo no Maracanã**. **El País: Espanha**. 8 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/cultura/2016/08/06/television/1470507911\\_658837.html](https://elpais.com/cultura/2016/08/06/television/1470507911_658837.html)> Acesso em 20/07/2017

**Gunfire, logistical chaos?** All things considered, Rio is going rather well. **The Guardian: Reino Unido**. 14 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/13/rio-olympics-logistics-ioc-gunfire>> Acesso em 20/07/2017

**Have the Olympics been worth it for Rio? The Guardian: Reino Unido.** 21 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/21/rio-olympics-residents-impact-future-legacy>> Acesso em 20/07/2017

**I Criticized the Olympics. That Doesn't Make Me a Traitor. The New York Times.** Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/21/opinion/sunday/i-criticized-the-olympics-that-doesnt-make-me-a-traitor.html?rref=collection%2Fcolumn%2Fvanessa-barbara>> Acesso em 20/07/2017

**Os Jogos Olímpicos Esconderão a Crise Brasileira? El País: Espanha.** 5 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/elpais/2016/08/06/videos/1470437263\\_147233.html](https://elpais.com/elpais/2016/08/06/videos/1470437263_147233.html)> Acesso em 20/07/2017

**Os Jogos da Inclusão. El País.** Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/elpais/2016/08/23/planeta\\_futuro/1471974137\\_642095.html](https://elpais.com/elpais/2016/08/23/planeta_futuro/1471974137_642095.html)> Acesso em 20/07/2017

**Olympic opening ceremony was done on the cheap – but it was heartfelt and dazzling. The Guardian: Reino Unido.** 6 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/commentisfree/2016/aug/06/opening-ceremony-cheap-heartfelt-dazzling>> Acesso em 20/07/2017

**O Desfile dos Sonhos. El País: Espanha.** 9 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/deportes/2016/08/05/actualidad/1470419863\\_294554.html](https://elpais.com/deportes/2016/08/05/actualidad/1470419863_294554.html)> Acesso em 20/07/2017

**Patriotismo. El País: Espanha.** 27 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/elpais/2016/08/25/opinion/1472128601\\_659381.html](https://elpais.com/elpais/2016/08/25/opinion/1472128601_659381.html)> Acesso em 20/07/2017

**Police killings of favela residents continue as Games go on in Rio. The Guardian.** Rio de Janeiro, 19 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2016/aug/19/rio-police-killings-favela-residents-olympic-security-segregation>> Acesso em 20/07/2017

**Rio é um caos festivo. El País.** Rio de Janeiro, 6 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/deportes/2016/08/06/actualidad/1470514077\\_713379.html](https://elpais.com/deportes/2016/08/06/actualidad/1470514077_713379.html)> Acesso em 20/07/2017

**Rio Encerra os "Jogos Maravilhosos" e volta a realidade. El País.** Rio de Janeiro, 22 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/deportes/2016/08/22/actualidad/1471838579\\_462091.html](https://elpais.com/deportes/2016/08/22/actualidad/1471838579_462091.html)> Acesso em 20/07/2017

**Rio puts on a fitting opening ceremony: a little muddled but unavoidably absorbing. The Guardian.** Rio de Janeiro, 6 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/06/rio-puts-on-a-fitting-opening-ceremony-a-little-muddled-but-unavoidably-absorbing>> Acesso em 20/07/2017

**Rio 2016** opening ceremony a mix of pared patriotism and climate concern. **The Guardian**. Rio de Janeiro, 6 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/05/olympic-opening-ceremony-rio-2016-fernando-meirelles>> Acesso em 20/07/2017

**Rio 2016:** bullet fired into equestrian media centre was shot from favela. **The Guardian: Reino Unido**. 8 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/08/rio-2016-bullet-fired-equestrian-media-centre-shot-favela>> Acesso em 20/07/2017

**Rio 2016:** cheers, boos and a carnival atmosphere as Olympic flame goes out. **The Guardian**. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/22/cheers-boos-and-a-carnival-atmosphere-as-flame-goes-out-on-rio-olympics>> Acesso em 20/07/2017

**Rio 2016:** Olympic media bus 'attacked' on highway. **The Guardian**. Rio de Janeiro, 10 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/09/rio-2016-olympic-media-bus-attacked-journalists-brazil>> Acesso em 20/07/2017

**Rio criticised** after Sonny Bill Williams waits 90 minutes for ambulance. **The Guardian**. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/11/rio-2016-criticised-sonny-bill-williams>> Acesso em 20/07/2017

**Rio de Janeiro** returns to normal after marathon of mega events. **The Guardian**. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/sep/19/rio-de-janeiro-returns-to-normal-world-cup-olympics-paralympics>> Acesso em 20/07/2017

**Raio X da Cerimônia**. **El País**. Madrid, 6 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/deportes/2016/08/06/actualidad/1470445943\\_207333.html](https://elpais.com/deportes/2016/08/06/actualidad/1470445943_207333.html)> Acesso em 20/07/2017

**Rio Games** Highlight Problems With the Olympic Model. **The New York Times**. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/24/sports/olympics/rio-games-highlight-problems-model.html?rref=collection%2Fnewseventcollection%2Frio-olympics-2016>> Acesso em 20/07/2017

**Sustos, tiros e assaltos** surpreendem atletas e jornalistas no Rio. **El País: Espanha**. 8 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/elpais/2016/08/08/videos/1470650587\\_596831.html](https://elpais.com/elpais/2016/08/08/videos/1470650587_596831.html)> Acesso em 20/07/2017

**The Olympic Games** Exceeded Low Expectations. **The New York Times**. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/27/sports/olympics/the-olympic-games-exceeded-low-expectations.html>> Acesso em 20/07/2017



**Um Mundo Novo?** The Olympic rings leave Rio, rustier but brighter. **The Guardian**. Reino Unido. 21 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/21/um-mundo-novo-the-olympic-rings-leave-rio-rustier-but-brighter>> Acesso em 20/07/2017

**Um êxito para o brasil. El País: Espanha.** 7 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/deportes/2016/08/06/actualidad/1470444920\\_291492.html](https://elpais.com/deportes/2016/08/06/actualidad/1470444920_291492.html)> Acesso em 20/07/2017

## 7. APENDICES

A – Tabela de excertos extraídos das reportagens e matérias contidas no *corpus* de estudo, referentes ao primeiro período analisado nesta monografia. Autoria nossa.

B – Tabela de excertos extraídos das reportagens e matérias contidas no *corpus* de estudo, referentes ao segundo período analisado nesta monografia. Autoria nossa.